

ACTUALIZAÇÃO CURRICULAR

# Educação Manual e Plástica

6.<sup>a</sup> Classe



PROGRESSO  
EDITORA

José Amândio Francisco Gomes

Augusto João Ferreira

Bernardo Carlos Simão

# Educação Manual e Plástica

## 6.<sup>a</sup> Classe

Manual do Aluno

Editora Popular

#### TÍTULO

Educação Manual e Plástica 6.ª Classe

#### AUTORES

Bernardo Carlos Simão

José Amândio Francisco Gomes

Augusto João Ferreira

#### CORRECÇÃO

Flora Olga Mawangu Mona Paim

Josefina Manzaila Emmanuel

Teresa Cristóvão João

#### ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Juques de Oliveira

#### EDITORIA

Progresso Editora

#### PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

GestGráfica, S.A.

#### ANO / EDIÇÃO / TIRAGEM

2018 / 1.ª Edição / 660.000 Ex.

Registado na Biblioteca Nacional de Angola sob o n.º 8534/2018



**PROGRESSO**  
EDITORA

Rua Maria Luísa (próximo da Padaria Jopic)  
Viana, Luanda – Angola

E-mail: [geral@progressoeditora.com](mailto:geral@progressoeditora.com)

#### © 2018 PROGRESSO EDITORA

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da editora, abrangendo esta proibição o texto, a ilustração e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código dos Direitos de Autor.

## **Estimados Alunos, Professores, Gestores da Educação e Parceiros Sociais**

A educação é um fenómeno social complexo e dinâmico, presente em todas as eras da civilização humana. É efectuada nas sociedades pela participação e colaboração de todos os agentes e agências de socialização. Como resultado, os membros das sociedades são preparados de forma integral para garantir a continuidade e o desenvolvimento da civilização humana, tendo em atenção os diferentes contextos sociais, económicos, políticos, culturais e históricos.

Actualmente, a educação escolar é praticamente uma obrigação dos estados que consiste na promoção de políticas que assegurem o ensino, particularmente para o nível obrigatório e gratuito. No caso particular de Angola, a promoção de políticas que assegurem o ensino obrigatório gratuito é uma tarefa fundamental atribuída ao Estado Angolano (art. 21º g) da CRA<sup>1</sup>). Esta tarefa está consubstanciada na criação de condições que garantam um ensino de qualidade, mediante o cumprimento dos princípios gerais de Educação. À luz deste princípio constitucional, na Lei de Bases do Sistema da Educação e Ensino, a educação é entendida como um processo planificado e sistematizado de ensino e aprendizagem, visa a preparação integral do indivíduo para as exigências da vida individual e colectiva (art. 2 n.º 1, da Lei nº 17/16 de 7 de Outubro). O cumprimento dessa finalidade requer, da parte do Executivo e dos seus parceiros, acções concretas de intervenção educativa, também enquadradas nas agendas globais 2030 das Nações Unidas e 2063 da União Africana.

Para a concretização destes pressupostos sociais e humanistas, o Ministério da Educação levou a cabo a revisão curricular efectuada mediante correcção e actualização dos planos curriculares, programas curriculares, manuais escolares, documentos de avaliação das aprendizagens e outros, das quais resultou a produção dos presentes materiais curriculares. Este acto é de suma importância, pois é recomendado pelas Ciências da Educação e pelas práticas pedagógicas que os materiais curriculares tenham um período de vigência, findo o qual deverão ser corrigidos ou substituídos. Desta maneira, os materiais colocados ao serviço da educação e do ensino, acompanham e adequam-se à evolução das sociedades, dos conhecimentos científicos, técnicos e tecnológicos.

Neste sentido, os novos materiais curriculares ora apresentados, são documentos indispensáveis para a organização e gestão do processo de ensino-aprendizagem, esperando que estejam em conformidade com os tempos, os espaços e as lógicas dos quotidianos escolares, as necessidades sociais e educativas, os contextos e a diversidade cultural da sociedade angolana.

A sua correcta utilização pode diligenciar novas dinâmicas e experiências, capazes de promover aprendizagens significativas porque activas, inclusivas e de qualidade, destacando a formação dos cidadãos que reflectam sobre a realidade dos seus tempos e espaços de vida, para agir positivamente com relação ao desenvolvimento sustentável das suas localidades, das regiões e do país no geral. Com efeito, foram melhorados nos anteriores materiais curriculares em vigor desde 2004, isto é, ao nível dos objectivos educacionais, dos conteúdos programáticos, dos aspectos metodológicos, pedagógicos e da avaliação ao serviço da aprendizagem dos alunos.

---

<sup>1</sup> CRA: Constituição da República de Angola.

Com apresentação dos materiais curriculares actualizados para o triénio 2019-2021 enquanto se trabalha na adequação curricular da qual se espera a produção de novos currículos, reafirmamos a importância da educação escolar na vida como elemento preponderante no desenvolvimento sustentável. Em decorrência deste facto, endereçamos aos alunos, ilustres Docentes e Gestores da Educação envolvidos e comprometidos com a educação, votos de bom desempenho académico e profissional, respectivamente. Esperamos que tenham a plena consciência da vossa responsabilidade na utilização destes materiais curriculares.

Para o efeito, solicitamos veementemente a colaboração das famílias, mídias, sociedade em geral, apresentados na condição de parceiros sociais na materialização das políticas educativas do Estado Angolano, esperando maior envolvimento no acompanhamento, avaliação e contribuições de várias naturezas para garantir a oferta de materiais curriculares consentâneos com as práticas universais e assegurar a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Desejamos sucessos e êxitos a todos, na missão de educar Angola.

**Maria Cândida Pereira Teixeira**

Ministra da Educação



## Introdução

As artes plásticas, assim como as outras manifestações artísticas, têm como finalidade, quando são postas ao serviço do desenvolvimento harmonioso e multilateral do ser humano, um grande valor terapêutico. Através delas, para além de aprenderem a conhecer os materiais que vão ser utilizados, manusearem as cores e suas combinações harmoniosas, os alunos descobrem texturas, criam desenhos e adequam outras experiências que contribuem para a formação da personalidade, para a melhoria dos processos perceptivos, emocionais e volitivos da criança e para libertar tensões e adequar o carácter.

A Educação Manual e Plástica é uma disciplina que tem como finalidade criar condições que permitam criações livres e espontâneas e quase descargas emocionais. Para desempenhar o seu papel educativo, não dispensa a existência de critérios e espaços para a reflexão, porque só assim se conseguirá alcançar o seu grande objectivo, o de contribuir para o desabrochar da riqueza humana. Para que isto aconteça, é necessário que o/a aluno/a tenha a possibilidade de exprimir as suas vivências, o que sente, o que vê, e o de comunicar praticamente de modo a descobrir-se a si próprio/a.

É importante realçar que a distribuição feita no programa dos seus conteúdos ou áreas de trabalho não deve limitar de modo algum a criatividade e imaginação do/a professor/a, na busca do sentido estético da arte ao familiarizá-lo com as obras valiosas do nosso património cultural e da cultura universal.

A tarefa de educar as novas gerações é um compromisso sério com a sociedade, onde todo o empenho às vezes tem sido insuficiente na reconstrução do nosso país. É nesta óptica que este livro não deve ser visto como solução única para questões que estão expostas no programa, mas sim uma via ou caminho para chegar aos objectivos programados. Com isto queremos sugerir ao/a aluno/a que poderá também apoiar-se em outras bibliografias que estejam ao seu alcance e que seja útil aos temas apresentados. Pretendemos que este livro constitua um elemento de consulta que vai permitir atingir eficazmente os conteúdos programáticos para as propostas de actividades que vão surgindo no decorrer do ano lectivo.

Qualquer contribuição com opiniões, pontos de vista ou observações sobre as nossas sugestões e reflexões é preciosa e por elas ficaremos gratos.

Êxitos nos estudos!

OS AUTORES

# Índice

## TEMA 1

### O ESPAÇO E A PROFUNDIDADE NA PAISAGEM

|  |           |
|--|-----------|
| O espaço e a profundidade .....  | 09        |
| Exercitar aplicando o que aprendeste .....   | 22        |
| <b>1.1 - A paisagem vegetal através do desenho .....</b>   | <b>23</b> |
| Esboço .....   | 25        |
| A proporção .....  | 26        |
| <b>1.1.1 – Tratamento da perspectiva linear na paisagem vegetal .....</b>  | <b>29</b> |
| <b>1.1.2 – Redução gradual da proporção dos elementos em segundo e<br/>    terceiro planos .....</b>   | <b>32</b> |
| <b>1.1.3 – Análise de paisagem com a utilização da perspectiva linear . . . .</b>  | <b>34</b> |
| <b>1.2 - A paisagem vegetal através da pintura .....</b>   | <b>37</b> |
| <b>1.2.1 – O tratamento da perspectiva atmosférica na paisagem vegetal.<br/>    A degradação da intensidade das cores do segundo e<br/>    terceiro planos .....</b> | <b>43</b> |
| <b>1.2.2 – A mudança de matizes de um objecto por influência<br/>    da luz natural ou artificial .....</b>  | <b>50</b> |
| A influência da luz .....  | 53        |
| <b>1.2.3 – A mudança das cores no tratamento de uma paisagem .....</b>   | <b>55</b> |

## TEMA 2

### O TRATAMENTO DA COR NO SUPORTE VEGETAL

|   |           |
|---|-----------|
| <b>2.1 – Introdução à tecelagem .....</b> | <b>57</b> |
| Tear .....                                | 59        |
| Teia .....                                | 59        |
| Ourela .....                              | 59        |

# Índice

|  |           |
|--|-----------|
| Trama . . . . .  | 59        |
| Debuxo . . . . .   | 60        |
| Módulo . . . . .   | 60        |
| Padrão . . . . .   | 61        |
| Tipos de teares . . . . .  | 61        |
| Tear de cartão . . . . .   | 61        |
| Tear de cartão – Montagem da teia . . . . .                            | 62        |
| Como entrançar com três tiras . . . . .                                | 63        |
| Como entrançar com quatro tiras . . . . .                              | 63        |
| Como entrançar com cinco tiras . . . . .                               | 64        |
| Como fazer a tecelagem de papel . . . . .                              | 64        |
| Teares de pregos . . . . .   | 65        |
| Instrumentos de trabalho e utensílios . . . . .                        | 67        |
| O pente . . . . .  | 67        |
| Navetas ou lançadeiras . . . . .                                       | 67        |
| O tempereiro . . . . .   | 67        |
| A urdideira . . . . .  | 68        |
| As dobadouras . . . . .  | 68        |
| Agulha de coser lã . . . . .   | 68        |
| Tesoura . . . . .  | 69        |
| Alfinetes . . . . .  | 69        |
| <b>2.1.1 – O tear tradicional e as técnicas de tecelagem . . . . .</b> | <b>69</b> |
| 1 – Determinar o padrão . . . . .                                      | 70        |
| 2 – Escolher as fibras . . . . .                                       | 70        |
| 3 – Dobar as lãs . . . . .   | 70        |
| 4 – Urdir . . . . .  | 71        |
| 5 – Montar a teia . . . . .  | 71        |
| 6 – Esticar e prender a teia . . . . .                                 | 71        |
| 7 – Tecer . . . . .  | 72        |
| Passos para carregar a naveta ou lançadeira . . . . .                  | 72        |
| Como tecer em tear de pregos . . . . .                                 | 73        |

# Índice

|              |   |    |
|--------------|---|----|
| <b>2.1.2</b> | – Estudo de obras de tecelagem tradicional . . . . .  | 74 |
| <b>2.1.3</b> | – Realização de obras de tecelagem a duas e três cores . . . . .                            | 74 |
|              | Apreciação das obras próprios alunos . . . . .  | 75 |
|              | Trabalho . . . . .  | 76 |
| <b>2.2</b>   | – <b>Introdução à cestaria</b> . . . . .  | 77 |
| <b>2.2.1</b> | – Introdução à cestaria tradicional angolana . . . . .                                      | 78 |
| <b>2.2.2</b> | – O estudo dos materiais e técnicas de cestaria . . . . .                                   | 83 |
|              | Actividade: execução de fundos . . . . .  | 86 |
|              | Número par . . . . .  | 86 |
|              | Número ímpar . . . . .  | 86 |
|              | Fundo oval (número par de montantes) . . . . .  | 87 |
|              | Fundo quadrado . . . . .  | 87 |
|              | Tipos de entrelaçamento . . . . .   | 88 |
|              | Entrelaçamento com tireta . . . . .   | 89 |
|              | Cestos com fundo de madeira . . . . .   | 89 |
| <b>2.2.3</b> | – <b>Estudo da cestaria e dos seus valores estéticos funcionais</b> . . . . .               | 92 |
|              | Valor funcional de um objecto ou de uma obra artesanal . . . . .                            | 92 |
| <b>2.2.4</b> | – <b>Realização de obras de cestaria a partir das necessidades do meio social</b> . . . . . | 93 |
|              | Apreciação e crítica das obras pelos próprios alunos . . . . .                              | 94 |
|              | Actividades a realizar . . . . .  | 96 |

## TEMA 3

### A VERTENTE UTILITÁRIA DA OBRA ARTÍSTICA

|            |   |     |
|------------|---|-----|
| <b>3.1</b> | – A reciclagem numa perspectiva estético-funcional . . . . .                | 97  |
| <b>3.2</b> | – Estudo de objectos e artefactos utilitários no âmbito doméstico . . . . . | 99  |
|            | BIBLIOGRAFIA . . . . .  | 103 |

# TEMA 1

## O ESPAÇO E A PROFUNDIDADE NA PAISAGEM

### O ESPAÇO E A PROFUNDIDADE

Seguramente estás lembrado de, na 5.<sup>a</sup> classe, termos falado sobre o espaço, aquele lugar, área, superfície ou mesmo sítio que os objectos, as formas, as coisas, as pessoas, os animais, as plantas ocupam. Se olhares em volta, vês várias coisas ocupando o seu espaço. Agora presta atenção: nesse sítio em que tu estás, não pode estar outra coisa porque ele está ocupado por ti, a não ser que saias para que alguém possa ocupá-lo ou pôr-se um objecto neste mesmo sítio que for desocupado.

Lembra-te também de que no espaço encontramos elementos visuais, tais como: o ponto, a linha, a cor e a forma.

Quase sempre tens ouvido falar em espaço: onde tu brincas, na tua escola, na tua casa, o espaço que os teus brinquedos ou objectos ocupam, a pasta que sempre levas para a escola, tudo isto ocupa um espaço.

Ora bem, existem espaços como, por exemplo, o interior de uma caixa, de uma garrafa, etc., que fazem parte do espaço fechado.

Quando estiveres a jogar à bola, a passear na praia, no campo ou sentado num parque, estás precisamente perante um espaço aberto.



Interior de um quarto, espaço fechado



Pessoas num espaço fechado.



Rapazes jogando futebol num espaço aberto.



Nos espaços em que te encontras, em casa, no campo, na praia, etc., vais ver que à tua volta existem várias formas e que estas podem ser, como já referimos na 5.ª classe, formas naturais, aquelas que encontramos na natureza ou aquelas que não são criadas pelo homem, e as formas artificiais, aquelas que são criadas pelo homem, e cada uma delas com a sua própria configuração e ocupando um espaço determinado.



Como vês, debes considerar o espaço que ocupas, o teu espaço no mundo, procurar entendê-lo e buscar formas de o conquistar.

Este espaço a que nos estamos a referir desenvolve-se em todos os lados ou sentidos, é tridimensional (largura, altura e profundidade).

A tua forma de gesticular ou mesmo os teus actos ajudam de certa maneira a definir esta tridimensionalidade do espaço. Repara que, quando estás a andar de bicicleta ou a jogar à bola, o espaço que ocupas é diferente do que se estiveres sentado a ler uma revista, um jornal ou mesmo a descansar numa cama.

Se, porventura, quiseses representar a imagem de um colega eu, de uma forma ou objecto ou mesmo a tua própria imagem numa superfície, por exemplo de papel ou cartolina, terás de o fazer no espaço bidimensional (comprimento e largura), diferente precisamente do real. Como já foi referenciado na 5.ª classe, o desenho feito numa folha de papel, no quadro, no cimento ou mesmo noutra área vai ser bidimensional devido ao suporte em que foi feito, que é o papel (comprimento e largura).



É evidente que esse espaço é um elemento que não tem na maior parte das vezes as mesmas dimensões. Para o caso, terás de fazer um desenho maior ou menor de acordo com o espaço disponível, tendo em conta as proporções, e usar uma escala de redução ou ampliação no que se pretende representar.

Quando estiveres a representar uma forma, um objecto ou objectos, debes saber que estes vão ocupar um espaço no papel, que neste caso vai servir de suporte. É por esta razão que se diz que existem regras que podem ou vão definir a maneira como colocares uma ou várias figuras ou formas num determinado suporte, mas podem indicar-se algumas questões a ter em conta:

- Se quiseres desenhar um objecto numa folha de papel, debes fazê-lo de modo que o desenho ou a forma a representar preencha o espaço disponível, conservando ou mantendo as mesmas proporções do real.

- Deverá ter-se também em conta a posição do objecto relativamente ao observador: se colocares, por exemplo, o objecto no mesmo plano dos teus olhos, tens uma visão; se o objecto estiver mais abaixo ou mais acima, tens outra.

- Se, por acaso, representares esse mesmo objecto, verás ainda que terás outras visões ou percepções. Observa as imagens que se seguem:



Mealheiro visto de frente.



Mealheiro visto de cima.



Mealheiro visto de outro ângulo.



– Agora, caso pretendas representar ou desenhar uma realidade mais complexa, uma paisagem ou outro motivo, terás de dar bastante atenção à organização do teu espaço, quer dizer, fazer uma composição dispondo as várias formas de acordo com o que observaste e o tamanho do papel ou suporte em que vais realizar o seu trabalho. Observa a composição que se segue:



Espaço bem ordenado e equilibrado de um jardim público.



Parque de estacionamento devidamente organizado.

Neste capítulo temos estado a tratar do espaço que envolve as formas e que depende da maneira como se vê este mesmo espaço.

Está na altura de te dizer que este espaço tem características diferentes daquelas que são tratadas no espaço real.

Para a representação do espaço real, quando só contamos com duas dimensões (comprimento e largura), é difícil, porque, se quisermos dar a ilusão da realidade, teremos de contar com comprimento, largura e profundidade; é com essas três dimensões que poderás contar para transmitires esta profundidade no desenho, que é a ilusão do volume. Observa como os artistas foram encontrando artifícios para resolver os problemas da representação do real.



Estamos seguros de que estes exemplos de desenhos e pinturas, onde se aborda de forma clara a profundidade, irão seguramente esclarecer as dificuldades encontradas na compreensão destes exercícios.

Faz uma composição de desenho ou pintura onde trates o espaço aberto ou fechado, organiza-o de acordo com o seu interesse, mas não te esqueças de que estes trabalhos devem dar a sensação de profundidade, que não é mais do que a perspectiva.

1) A partir da tua experiência, diz quando estamos na presença de uma perspectiva.

Quer no espaço fechado ou aberto, ou seja, no espaço que nos circunda, ou mesmo no nosso enquadramento visual, damo-nos conta de que este é constituído por várias formas, que podem ser lineares, bidimensionais e tridimensionais.

Também é importante realçar a importância de perceber a relação existente entre as formas e o espaço, quer as formas criadas pelo homem, quer as formas naturais ou aquelas que não foram criadas pelo homem.

A forma deve ser vista ou encarada na sua totalidade ou globalidade, como um elemento construtivo e organizativo do espaço, a base da organização de toda a composição e da transmissão da mensagem visual. Observa as imagens seguintes:



Desenho a lápis.



Desenho a carvão.



Escultura.



Se olhares com atenção, vais dar-te conta de que, quando se está a falar da forma, esta implica a existência de uma estrutura que vai estar relacionada com a forma. Na 5.ª classe já tinha sido definido o que é a estrutura. Aqui também vamos continuar a falar da estrutura, que é a característica fundamental da forma, seja ela bi ou tridimensional.

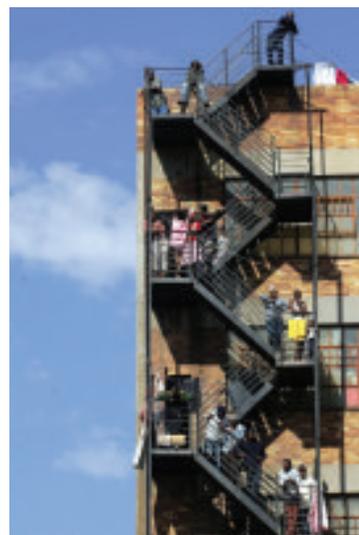
Também vamos ver a estrutura, como conjunto de elementos resistentes, que vão garantir a forma, a resistência e a interligação das partes, que é o mesmo que dizer base.



Ilustração de um esqueleto de avestruz.



Casca de caracol.



Estrutura de um prédio.

Quando reparares nessas estruturas, verás que há uma organização no modo como se relacionam as partes que as formam e o seu conjunto. Essa organização pode ser mais ou menos complexa, mas a estrutura está sempre presente. Verás também que da maneira que se organiza esse interior dependerá o exterior do objecto, do animal, da pessoa, etc.

Depois de termos falado sobre a estrutura dos objectos e não só, vamos tratar desta mesma estrutura a nível do desenho e pintura. Também se chama estrutura ao modo como se organizam os elementos que vão compor uma determinada pintura, desenho, etc.

Dizemos então que se trata da estrutura que permitiu a realização, ou a composição, de uma pintura, quadro, desenho, quando os elementos da linguagem visual (o ponto, a linha, forma, a cor, etc.) são a estrutura que permite que a pintura, o desenho ou o quadro



tenha uma determinada unidade. Quer dizer, em qualquer obra, seja desenho, pintura, etc., existe sempre um suporte, uma estrutura de pensamento que faz com que sejam esta pintura, este desenho ou aquele quadro ou uma outra coisa.

Como vês, é muito difícil falar-se do espaço sem tratar também do movimento, porque tudo o que está à nossa volta se move. Os carros, as bicicletas, as motorizadas, os barcos, que nos levam de um lado para o outro, os pássaros, que rasgam os céus nos seus voos deslizantes, o mexer das folhas, das árvores e das flores, quando há vento, as ondas do mar ou dos rios, quando tu corres, saltas, andas de um lado para outro, a Terra que gira em torno do Sol, a Lua que gira à volta da Terra, etc. Este é o movimento real, que faz parte do nosso quotidiano (dia-a-dia).



Carros em movimento.



Movimento das folhas das palmeiras.



Arara em pleno voo.

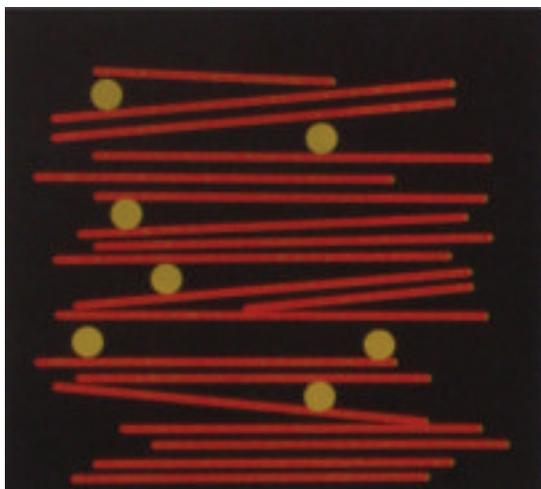


Rapazes jogando à bola.

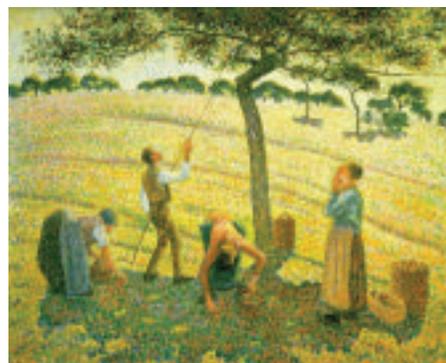
Agora que já pensaste um pouco sobre o movimento real, vamos falar-te do movimento aparente que surge no desenho, na pintura, numa escultura ou numa obra de arquitectura. Desse tipo de movimento só nos apercebemos através das combinações ou do jogo das linhas, contrastes, espaços, volumes, etc.



Para representar figuras ou objectos em movimento, terás de recorrer aos mais visuais, usando linhas curvas, quebradas, volume, contraste e cor, que te permitirão captar o movimento que observaste num dado momento.



Composição representando o movimento aparente.



Pintura onde se vê o movimento das pessoas na apanha de fruta.

Essa é a forma que os artistas usam para imprimir vida e ritmo aos seus trabalhos, utilizando o movimento aparente, essa sensação que um desenho ou uma pintura nos transmite de haver movimento.

Cria uma obra onde se possa observar o movimento aparente e pinta-a ao teu gosto.

Dá uma espreitadela na janela ou na porta, caso estejas dentro de casa ou da sala de aula. Seguramente, quando espreitas, verás muitos objectos à volta da casa, da escola, e, se estiveres no espaço aberto, também verás as casas ocupando os seus espaços, as árvores, os carros, tu mesmo, os rios, as praias... Já te perguntaste porquê?

Estás lembrando de, na 5.ª classe, termos falado de formas bidimensionais. São aquelas que encontramos em papéis, jornais ou revistas, figuras feitas no quadro, no cimento, na areia... São formas bidimensionais porque estão no papel e só têm duas dimensões (comprimento e largura).



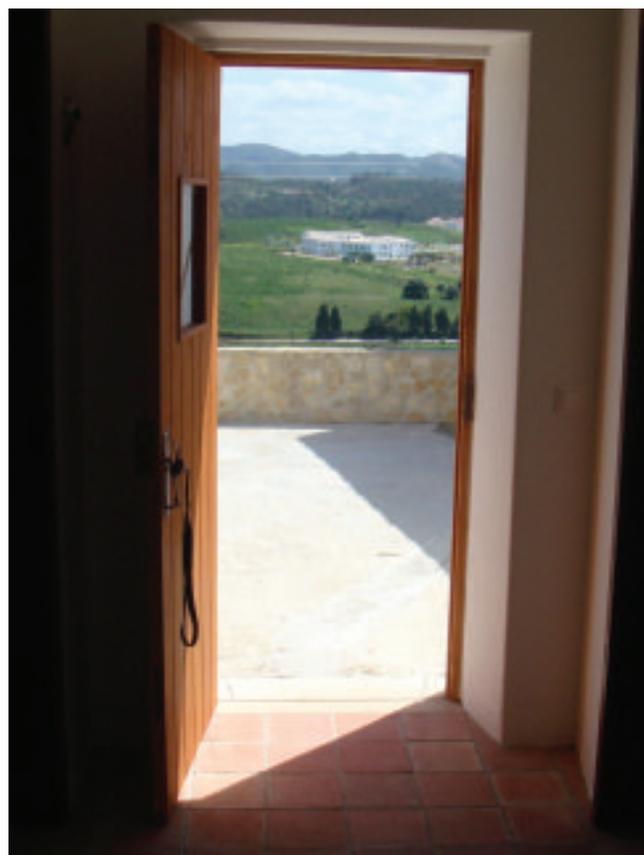
As casas, as escolas, os carros, as bicicletas, as árvores, os animais e as pessoas são formas tridimensionais porque se desenvolvem nas três direcções (horizontal, vertical e transversal), dando assim origem a comprimento ou largura, altura e profundidade, que não representam mais do que a presença do volume.

No desenho e na pintura, também podemos transmitir a sensação de volume através de uma iluminação diferente.

Nas imagens que se seguem, podemos observar o volume real na escultura e na arquitectura e o volume apresentado na pintura, factores fundamentais para exprimir o conteúdo da obra plástica.



Pintura em que as sombras acentuam o volume.



Vista do interior de uma casa onde é visível a profundidade.

Já referimos que no nosso meio envolvente, no espaço em que circulamos, encontramos variadíssimas formas, que se vão diferenciando pelas suas estruturas, formas e, por conseguinte, pelos seus volumes, e, se reparares, todas essas formas têm as suas superfícies,



que não são mais do que a textura – qualidade da superfície de uma forma.

Na realidade, trata-se de uma das qualidades da forma e constitui um dos aspectos mais singulares de linguagem plástica.

A textura, seja regular ou irregular, pode ser utilizada como o elemento ou pode definir uma superfície.

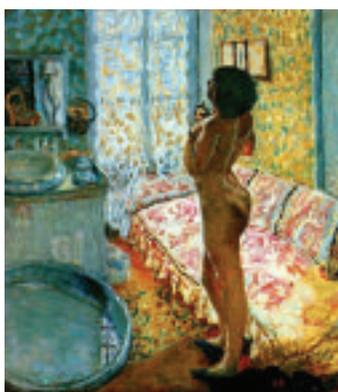
Também vamos encontrar texturas naturais ou artificiais. É importante salientar que no mundo da pintura se considera a textura como elemento de grande capacidade expressiva.



Ilustração de diferentes texturas naturais.



Objecto criado pelo homem, construído com lápis de cor.



Pintura reproduzindo diferentes texturas de objectos.

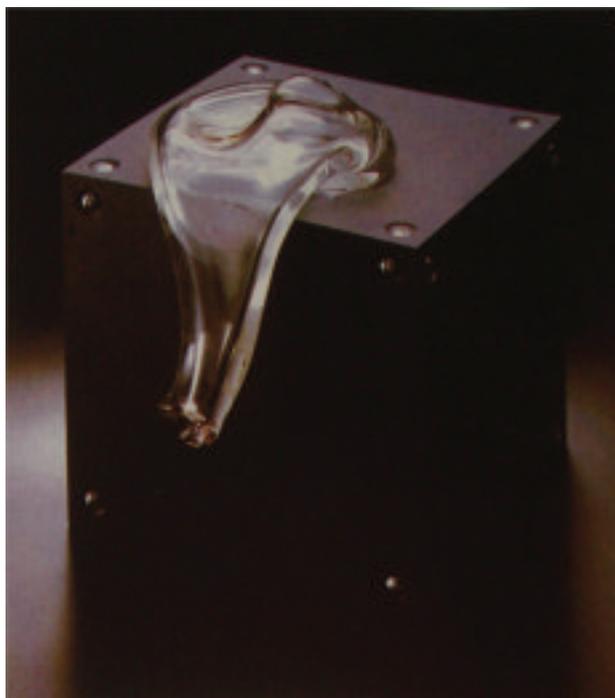
Podemos perceber a textura pelo tacto, mas podemos também reconhecê-la pela vista. É verdade que somos capazes de identificar uma determinada textura ou superfície sem a tocarmos.

Também tem acontecido que nem sempre aquilo que os nossos olhos detectam corresponde à realidade táctil, ou seja, aquilo que vemos com os nossos olhos ao tocarmos não corresponde à realidade.



É bem verdade também que aquilo que as nossas mãos sentem não é às vezes exactamente o que se descobre quando olhamos.

Na criação dos teus trabalhos, sejam eles quais forem, podes desenvolver vários efeitos, se souberes utilizar as texturas modificando a superfície, alterando os aspectos e criando resultados plásticos agradáveis.



Objecto construído com materiais de diferentes texturas.

O espaço é um elemento indispensável para todos nós. Se olhares para qualquer lado, seguramente verás uma forma ou objecto, e cada um deles tem a sua função.

A forma deve estar relacionada com a função que vai desempenhar. Porém, nem sempre isto se verifica. É muito importante aprenderes a distinguir quando essa relação é bem ou mal estabelecida. No meio natural, encontramos variadíssimos exemplos de forma adaptados à função que desempenham. É por isso que vês que no reino animal as formas do corpo estão relacionadas com a função que exercem, como por exemplo com a alimentação que esses seres vivos devem procurar, o espaço ou o mundo físico que habitam. É por esta razão que surgem as patas de um ganso para deslizar nas águas, as barbatanas dos peixes, as patas e a cauda de um jacaré, etc.



A interacção do homem com a natureza é clara e ele aprendeu que poderia usar esta relação na criação dos objectos para poder satisfazer as suas necessidades, substituindo as mãos e reduzindo assim o seu esforço em funções importantíssimas como: agarrar, levantar, cortar, martelar, furar, etc.



Exemplo de como o homem criou ferramentas para a execução de tarefas que outrora eram feitas manualmente.

Nas formas que o homem vai criando, nota-se a preocupação com a eficiência de maneira a facilitar o seu uso e permitindo deste modo menos esforços, reduzindo a fadiga, proporcionando mais segurança e maior conforto.

Outra preocupação a ter em conta é a procura das medidas ou dimensões ideais para conceber formas dos objectos de acordo com as características da pessoa, tendo em conta a ergonomia e a antropometria.

A ergonomia estuda e analisa os aspectos relacionados com o comportamento do homem.

A antropometria baseia-se nas medidas mais importantes do corpo humano tendo em vista a concepção e criação de espaços de objecto e de equipamento.





A bicicleta tem o tamanho certo para a menina, mas é muito grande para o menino.



A cabina telefónica tem as dimensões correctas para a sua utilização pelo homem.



A porta de entrada foi concebida à escala humana.

Na 5.<sup>a</sup> classe, já falámos bastante sobre o espaço e continuamos a tratar este mesmo tema na 6.<sup>a</sup> classe. O espaço pode ser aberto ou fechado, e nele encontramos elementos como, por exemplo, a forma, a estrutura, a textura e o volume e dimensões como o comprimento, a largura, a altura (volume) e a profundidade.

O homem apropria-se do espaço e constrói de acordo com as circunstâncias e com as suas necessidades. Tu também precisas de espaço para brincar, andares de bicicleta, saltares à corda, correres e passeares. É por esta razão que, quer no espaço da folha de papel, no da nossa casa, na escola, no bairro e nos grandes agregados populacionais (cidades), é importantíssimo existir uma organização de acordo com as exigências.

Não te esqueças de que as montanhas de lixo, a população em excesso, as construções anárquicas e o estacionamento de viaturas têm contribuído de uma forma negativa para a organização do teu, do meu e do nosso espaço.



Elimina as montanhas de lixo, constrói tendo em conta os planos urbanísticos, estaciona correctamente e verás que teremos espaço para as áreas verdes, as praças, os parques e os campos desportivos, importantes para qualquer aglomerado de pessoas, o que se vai reflectir no seu equilíbrio psicológico.

Ajuda a cuidar do nosso espaço.

## EXERCITAR APLICANDO O QUE APRENDESTES

1. Quais são os espaços que conheces?
2. Por que razão é importante, quando se vai utilizar o espaço, ter em conta a proporção?
3. Quando desenhares ou pintares, que elemento deverás ter presente para teres a sensação do volume?
4. Diz por que razão a forma tem de ser encarada na sua globalidade.
5. Qual é o papel da estrutura na forma?
6. O que entendes por textura?
7. Por que motivo é importante que a forma e a função estejam bem relacionadas?
8. Quais são os movimentos que conheces?
9. Por que razão se pode detectar o movimento aparente no desenho e na pintura?
10. Por que motivo é importante a organização do espaço?
11. Faz uma composição com um tema à tua escolha e pinta-a a teu gosto de forma que apresente uma organização no teu espaço de trabalho.



## 1.1 - A PAISAGEM VEGETAL ATRAVÉS DO DESENHO

Antes de tratarmos a paisagem vegetal, vamos falar um pouco da forma e do desenho.

Já reparaste que tudo o que te rodeia tem uma forma, quer dizer, nada do que existe à tua volta podia existir se não tivesse uma forma. Ainda há outro pormenor importante: a actividade pela qual nós tomamos conhecimento desta realidade ou das formas que nos rodeiam é a percepção. Então, podemos dizer que o sentido da visão



Rapariga observando uma paisagem e desenhando-a atentamente.



é o mais importante para a percepção de uma forma. Também vimos nas classes anteriores que a forma é a representação de alguma coisa, de algo que existe, ou então daquilo que imaginamos, tendo sempre presente que é uma realidade que poderá ser criada pelo homem ou pela natureza.

Quando queremos comunicar algo, a ideia passa no desenho e ganha vida, porque o desenho é como a escrita, comunica. Se pretendemos comunicar algo, representar alguma coisa que nos rodeia, ou então aquilo que está no nosso imaginário, por exemplo, uma paisagem vegetal, teremos de o representar no papel, quer dizer, desenhá-lo num papel ou noutra superfície. O que significa que o pensamento pode ser transmitido por palavras, as ideias podem tornar-se visuais através do desenho, estimulando a imaginação (criatividade).

Quando estamos a desenhar o que observámos, essa acção representa muito mais do que uma habilidade manual, porque esse processo mental começa quando estivemos a observar. O cérebro visualiza a forma e transmite esta informação à mão, o que quer dizer que tanto a escrita como o desenho precisam de uma coordenação da visão, da mente e da mão.



Desenho de uma paisagem.

Se quiseres desenhar algo que já tiveste a oportunidade de observar, relembrar-te dos detalhes deste algo, para depois começares a desenhar, isso só é possível se realmente soubestes olhar para compreender a realidade (percepção), para depois saberes executar e materializar a forma visualizada, processo no qual entra já a destreza manual.



## Esboço

Se estás lembrado das classes anteriores, falámos do esboço e dissemos que representa o passo ou a fase inicial de um desenho feito a traços simples e rápido, onde não é necessário apagar-se nenhuma linha, e que as linhas se podem sobrepor sem problemas, exprimindo uma ideia ou forma. Quer dizer, quando estiver a fazer um esboço, os traços menos significativos poderão substituir-se por outro traço que seja mais aceitável do teu ponto de vista.

Apesar de na classe anterior termos referido o que é o desenho, não é demais recordar que o desenho é a representação gráfica de uma forma ou de algo real ou imaginário, que poderá ser feito nos vários tipos de papéis, no quadro, no cimento, no chão, na parede, etc., formas definidas por linhas que também podem ser chamadas linhas de contorno.

São essas linhas de contorno que dão a configuração da forma, limitando o seu espaço envolvente.



Linhas de contorno de um desenho a lápis.

Quando falamos do desenho, estamos precisamente a falar da configuração da forma que essas linhas de contorno dão a uma ideia. Para a materializar, é necessário o suporte no espaço. Outro elemento que há que ter em conta que é a proporção.



## A proporção

A proporção é um elemento importante para se conseguir um desenho, uma imagem, uma forma, etc., com um certo equilíbrio. É necessário que este desenho, imagem ou forma, ao interagir com o espaço disponível, obedeça à proporcionalidade, equilibrando-se com todas as partes que o formam, relacionando-se como um todo, no conjunto em que se inserem.

Quando quiseres representar ou desenhar uma forma ou uma imagem, tenta sempre encontrar a concepção de equilíbrios e proporção.



Composição proporcionalmente equilibrada.

Quando pretenderes desenhar uma paisagem vegetal (árvores, flores, plantas, etc.), vais necessariamente recorrer a um elemento visual de grande expressividade que vai adquirindo significados conforme o tipo de traçado utilizado pelo indivíduo que estiver a desenhar para representar uma realidade, exprimir e transmitir as suas mensagens. Se reparares, em qualquer paisagem vegetal e não só, também no meio que nos circunda, constatamos que este elemento visual que é a linha está sempre presente. A linha é um elemento



visual estrutural porque, se quiseres desenhar uma paisagem vegetal com árvores frondosas, arbustos e plantas, etc., irás usá-la para representar e explicar todos estes detalhes, procurando que esta linha crie nesta paisagem vegetal uma organização e gere espaços, formas e movimentos, utilizando linhas claras, escuras, abertas, fechadas, etc.

Esta, quanto ao aspecto visual e quanto à orientação no espaço, pode ser: horizontal, vertical e oblíqua.



Ilusão de movimento com linhas rectas.



Ilusão de movimento através de formas circulares.



Ilusão de movimento através de linhas quebradas.



Paisagem realizada com diferentes tipos de linhas.



Paisagem em que o traçado das linhas provoca a sensação de movimento.



Pormenor da Torre Eiffel, em Paris, cuja estrutura é constituída por um rendilhado de linhas em várias direcções.



Depois de teres observado as várias imagens, figuras e objectos, irás dar-te conta de que as linhas podem ser explícitas, quer dizer, quando estão presentes, é possível de observá-las, ou então implícitas, quando não podemos observá-las, mas **participam como estruturadoras** da organização do espaço.

Durante as tuas férias participaste com certeza numa excursão, onde tiveste a oportunidade de observar uma paisagem.

Quando representares numa folha de papel essas cenas vividas, terás a necessidade de utilizar a linha para representar, recorrendo a conhecimentos obtidos nas classes anteriores. No desenho no papel, para dar a sensação de tridimensionalidade, quer dizer, de comprimento, largura e altura (e volume), terás de aplicar um truque, que é dar a profundidade. Esta profundidade no desenho, neste caso específico na paisagem vegetal, têm de dar a sensação de que algumas árvores que se encontram atrás estão afastadas em relação às árvores que estão à frente. As árvores que estão distantes tornam-se mais pequenas em relação às que estão mais perto.



Paisagem em que é bem nítida a sensação de profundidade.

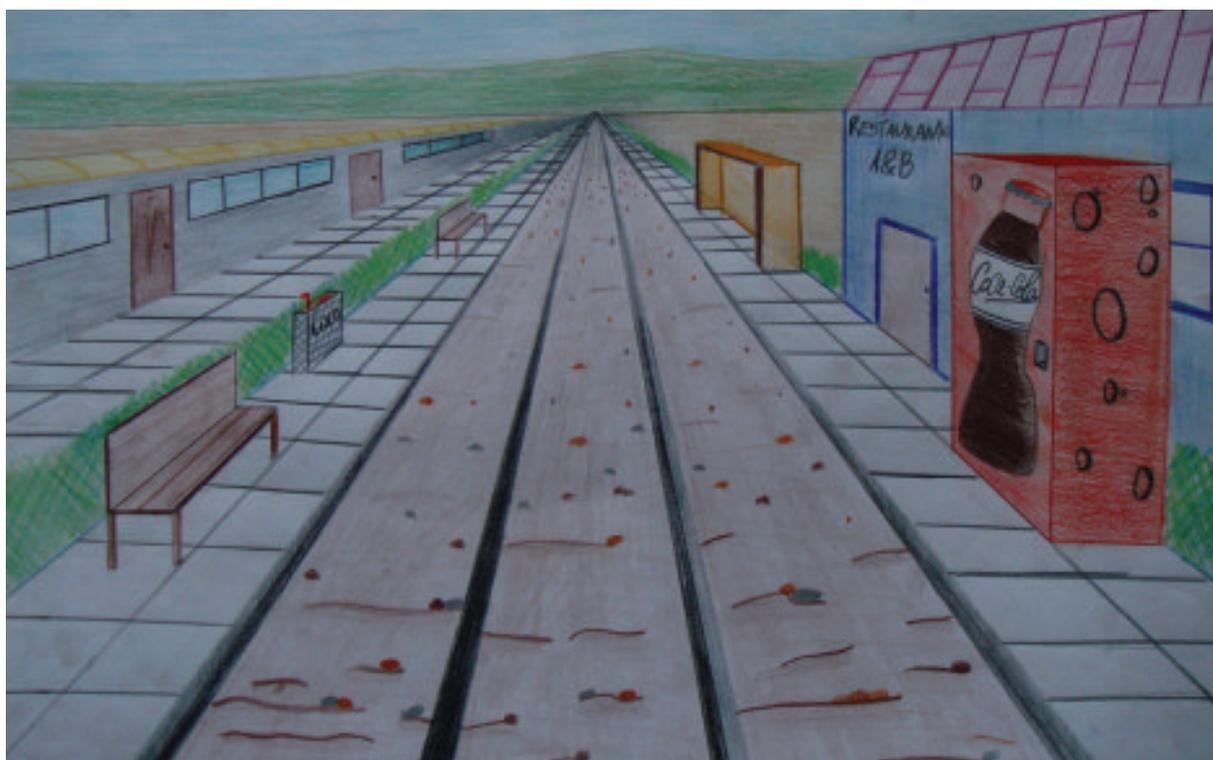


### 1.1.1 – TRATAMENTO DA PERSPECTIVA LINEAR NA PAISAGEM VEGETAL

A redução da proporção dos elementos em segundo e terceiro planos deve ser gradual.

Quando estamos a falar da perspectiva, estamos a falar de uma forma de representar um objecto. Para poderes fazer um desenho em perspectiva, deverás ter em conta alguns aspectos importantes como o facto de os objectos apresentarem deformações que os nossos olhos captam e que se aceitam como imagem real.

Deves iniciar a apresentação a partir do traçado da linha do horizonte (LH), onde vais situar ou colocar o ponto de fuga, que é o ponto onde convergem todas as linhas paralelas.



Trabalho de aluno onde são visíveis as linhas do horizonte e as linhas de fuga.

As linhas horizontais são as que estão de frente em relação ao observador e que são sempre paralelas entre si e as linhas verticais são sempre perpendiculares à linha do horizonte.

Lembra-te sempre de que o uso da perspectiva permite representar objectos e a sua relação no espaço.

Ora vejamos: quando estiveres a observar uma linha de caminho-de-ferro, uma rua ladeada de postes de electricidade, os cabos que



conduzem a corrente eléctrica para as nossas casas, verificas com facilidade que tens uma ilusão em relação às linhas paralelas e às distâncias.

Se observares com bastante atenção as imagens ou fotografias que te apresentamos, notarás esta situação.

As linhas parecem tocar-se num ponto, mas na realidade são paralelas. Afinal de contas, qual é a imagem que os nossos olhos recebem?

Estrada onde a passadeira de peões acentua a ideia de profundidade.



Certamente já te apercebeste de que, quando observas as formas no espaço, estas vão tomando tamanhos diferentes, umas formas mais perto ou então mais longe, em relação a ti.

Outras deformações parecem acontecer nos objectos, segundo o ponto de observação que escolheres: um círculo pode parecer-te uma elipse, um quadrado um rectângulo, etc. Repara nas imagens que te apresentamos.

É importante teres em conta os aspectos para os quais chamámos atenção, ao fazeres os teus desenhos. Por exemplo,



Imagem de uma linha de caminho-de-ferro onde as linhas parecem convergir para um ponto (o ponto de fuga).





Vista desta perspectiva, a praça redonda parece ter a forma de uma elipse.

se pretenderes desenhar uma paisagem vegetal, como a que te apresentamos nesta imagem.

Terás de traçar uma linha horizontal que passa ao nível dos teus olhos e seguidamente marcar um ponto nessa linha (ponto de fuga), onde vão convergir todas as linhas paralelas. Repara na figura ou imagem que te foi apresentada.

A utilização da perspectiva vai permitir-te realizar os teus desenhos de paisagem vegetal e não apenas mais de acordo com a realidade que conheces e observas.

Assim, para criares a noção de profundidade, é importante prestares atenção aos tamanhos e posições dos objectos ou formas na tua composição ou desenho. O seu tamanho varia conforme a distância que os separa do observador: quanto mais afastados estiverem, mais pequenos se apresentam.



Representação da linha do horizonte, linhas e ponto de fuga.

### ACTIVIDADE

No teu caderno, realiza um desenho que represente a perspectiva linear.



## 1.1.2 – REDUÇÃO GRADUAL DA PROPORÇÃO DOS ELEMENTOS EM SEGUNDO E TERCEIRO PLANOS

Estás lembrado de falarmos da proporção entre as formas. Vamos voltar a tratá-la na paisagem vegetal, porque é importante no momento de desenharmos uma paisagem que a imagem, ao relacionar as partes como um todo, obedeça à representação proporcional das formas. Quer dizer, as plantas, as árvores, os arbustos e o capim devem estar todos em equilíbrio (proporcional).

Quando observas uma estrada ladeada de árvores, notarás que as árvores mais próximas parecem muito maiores do que as mais afastadas.



As árvores mais próximas de nós parecem maiores do que as que estão mais distantes.

Esta redução gradual da proporção é o que nos dá a possibilidade de ver que as árvores mais próximas parecem muito maiores e as mais afastadas mais pequenas. É o que nos dá essa sensação de profundidade e, portanto, a perspectiva.

Quando observamos uma imagem ou então fazemos um desenho que represente um objecto no espaço, a organização ou a estrutura da composição (desenho) ou imagem resulta das resoluções entre os diferentes planos, porque vamos encontrar o primeiro, o segundo e o terceiro planos.

Observa uma imagem ou desenho representando um espaço que inclua formas naturais (árvores) e formas criadas pelo homem ou construídas (casas, igrejas, pontes, etc.).





Fotografia onde se pode observar um primeiro plano, um plano intermédio e, lá ao fundo, a igreja, indicando um último plano.

Repara na figura. No primeiro plano vais encontrar árvores, que parecem maiores do que a casa ou casas, o que quer dizer que estão na primeira linha ou primeiro plano.

No segundo plano estão as casas, cujos tamanhos em relação às árvores foram reduzidos de forma gradual, de maneira a dar esta sensação de as casas estarem depois das árvores para poderem parecer mais pequenas ou afastadas.

Na mesma imagem, ao fundo, vais encontrar a igreja, que está assim no terceiro plano.

Comparando as árvores, as casas e agora a igreja, vais notar que esta, em relação a outros elementos, reduziu gradualmente o seu tamanho de forma proporcional, razão pela qual encontramos equilíbrio entre os elementos que integram essa composição.

Por isso se diz que o tamanho das formas a representar depende da proximidade a que nos encontramos delas.

A variação da distância entre o observador e a imagem, neste caso a composição, dá origem a diferentes planos. Depois de escolher o plano mais adequado que pretendes representar, que



depende da distância ao tema (imagem, desenho), deves procurar o enquadramento da composição.



Fotografia onde são visíveis em primeiro plano as bicicletas, num plano intermédio o rio e os barcos e em terceiro plano as árvores e as casas.

## ACTIVIDADE

No teu caderno, faz um desenho com elementos representados em diferentes planos.

### 1.1.3 – ANÁLISE DE PAISAGEM COM A UTILIZAÇÃO DA PERSPECTIVA LINEAR

Quando queremos analisar uma obra paisagística, temos de partir da sua composição, que consiste no relacionamento adequado entre vários elementos da pintura, como, por exemplo, a forma, o tom e a



cor, de maneira que, em conjunto, criem o sentido. O que se pretende que a pintura, neste caso a paisagem, transmita? Ainda nesta análise, é importantíssimo analisar a perspectiva, que, como já vimos, é um elemento fundamental para a criação de profundidade numa obra, para podermos então utilizar as cores de acordo com a mensagem que se pretende transmitir.

É também neste momento que vamos ver os planos constituídos, parecendo assim os elementos que estiverem no primeiro plano maiores e os que existirem no segundo plano afastados e menores, e, caso haja o terceiro plano, mais afastados ainda e muito menores.



Fotografia onde a profundidade é acentuada pela nitidez do primeiro plano em relação às montanhas do último plano.

É fundamental dizer-se também que a cor joga um papel importantíssimo na análise de uma paisagem porque são as cores que



criam o ambiente que encontramos na paisagem. A redução gradual da formalidade da cor e da proporção dos elementos faz os elementos do primeiro plano parecerem maiores e menores os mais afastados, dando a ilusão da existência da profundidade, que é transmitida pela perspectiva. Ao analisares uma obra paisagista, também deverás ter em conta a perspectiva, através da linha de horizonte (LH) e do ponto de fuga (PF).

Quando olhamos o horizonte de uma paisagem, do mar, podemos observar uma linha que está situada ao nível da paisagem ou do mar e que as separa do céu. A linha do horizonte é a que se situa ao nível dos nossos olhos.



A linha do horizonte muda de posição consoante o observador se encontre de pé, deitado ou em cima de uma falésia.

As três imagens que te apresentamos mostram como a linha de horizonte (LH) muda de acordo com a posição do corpo do observador. Em posição de sentado, vê-se menor espaço do plano terrestre e, se estiveres sentado e inclinado para trás, muito menor será o plano terrestre, porque aumenta o espaço do céu; pelo contrário, quando estiveres de pé, vê-se maior o espaço do plano terrestre.

### ACTIVIDADE

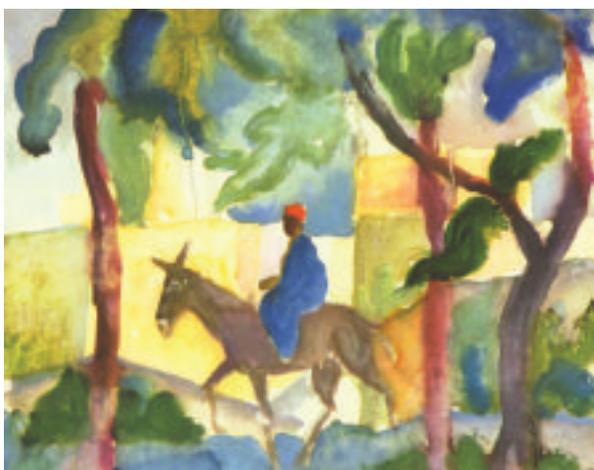
Cria algumas composições onde se possam observar estes factos e pinta-as criando a ilusão de profundidade.



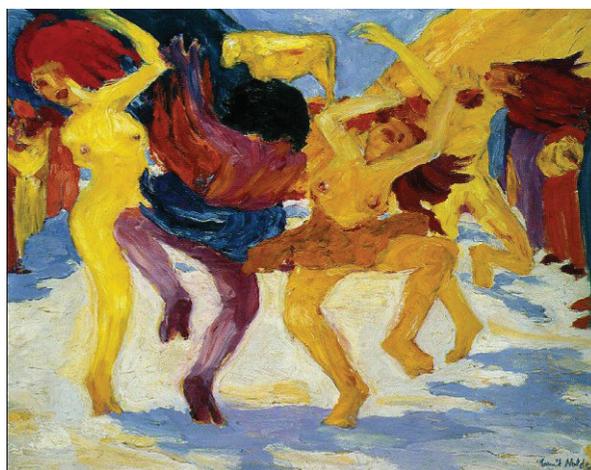
## 1.2 – A PAISAGEM VEGETAL ATRAVÉS DA PINTURA

Depois de termos falado nas aulas anteriores sobre a paisagem vegetal através do desenho, agora falaremos desta mesma paisagem vegetal através da pintura.

Sabes que, para falarmos da pintura, necessariamente temos de falar das cores, dos pincéis, do suporte, que poderá ser o papel, cartolina, cartão e tela, etc. É importante que saibas também que esta pintura a que nos referimos não é um revestimento de uma superfície, como, por exemplo: pintar uma superfície de papel etc. Trata-se de uma técnica e através dela podemos transmitir as nossas ideias, as nossas emoções, etc.



Pintura a guache do artista August Macke.



Pintura a óleo do artista Emile Nolde.

No nosso caso específico, para realizar as pinturas, utilizamos tintas como: guache, aguarelas e mesmo tintas de fabrico caseiro a partir de sementes, folhas, etc. Utilizaremos também a cor através de lápis de cor, lápis de cera, canetas de feltro, etc., para podermos fazer a pintura.

Como é óbvio, ao falar da pintura é necessário referir o pincel, um elemento importante. Existem vários tipos de pincéis, que são utilizados de acordo com o trabalho que se vai fazer.

É importante que conheças as cores para poderes aplicá-las. Desde as classes anteriores já conheces as cores primárias, as secundárias e as cores complementares.



Para as áreas ou superfícies de pormenor utilizam-se também pincéis pequenos e para superfícies grandes os pincéis maiores.

Caso não haja pincéis de fabrico industrial, pode recorrer-se a um pincel artesanal, feito com pêlos, etc. Nas classes anteriores já se mostrou como se pode fazer um pincel. Outro aspecto importante é que, quando se desenha com pincel, usa-se uma tinta muito diluída de cor clara ou neutra, para não aparecer na pintura.



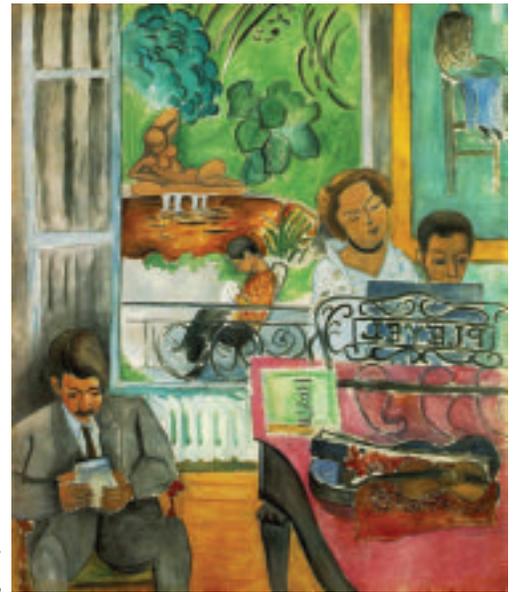
Tinta acrílica,  
trincha  
e pincéis  
espatulados.



Tinta acrílica,  
pincéis  
espatulados  
e redondos.

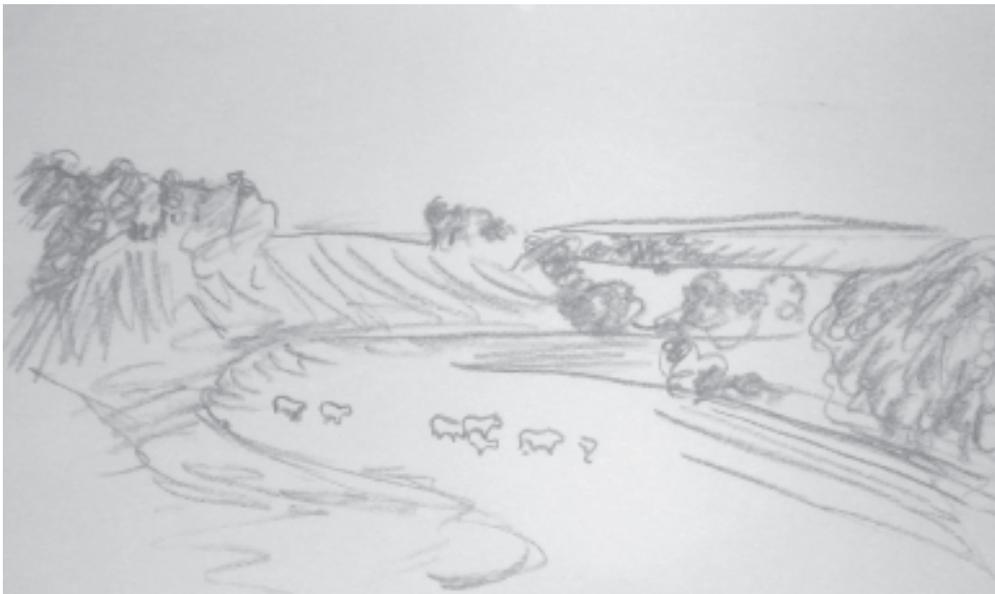


Outro aspecto a ter em conta na pintura é a mistura das cores para obtermos as cores secundárias e complementares, que vá ao encontro do que queremos apresentar. Não te esqueças de que as cores jogam um papel fundamental numa composição de pintura, porque uma boa variação no tom e na cor descreve muito bem os objectos e dá vida a uma composição.



Pintura de Henri Matisse,  
A Lição de Música.

Tal como acontece no desenho, também na pintura se começa pelo esboço, onde poderemos ver como estarão distribuídos os elementos que compõem a pintura, a relação que deve existir ou mesmo o equilíbrio entre os elementos, o que é necessário para dar uma arrumação aos objectos e para obter um melhor impacto visual.



Esboço de uma paisagem.

Quando estivermos a fazer uma composição (pintura), de uma paisagem e não só, chega a ser difícil estabelecer-se com exactidão as zonas formadas. Daí que seja necessário determinar quais poderão ser os limites da pintura ou composição da paisagem vegetal.



A disposição das imagens é importante para que elas apareçam a fazer parte da cena ou da composição que se pretende criar, para que todos aspectos da mesma fiquem integrados.

Não te esqueças também de que ângulos e perspectiva podem vir a criar outro interesse.



Início da pintura de uma paisagem, onde começa a ser mais nítida a sensação de profundidade.

Na altura de pintar a paisagem vegetal, deves delimitar os elementos principais da composição com zonas de cor simples, para ficarem bem determinados. Preparam-se as misturas das cores, os tons para salientar a cor e estabelecer o sentido da luz e é importante saber aplicá-las.



Imagem mostrando a paisagem a ser pintada, tornando mais nítidos os contrastes entre os diferentes planos.





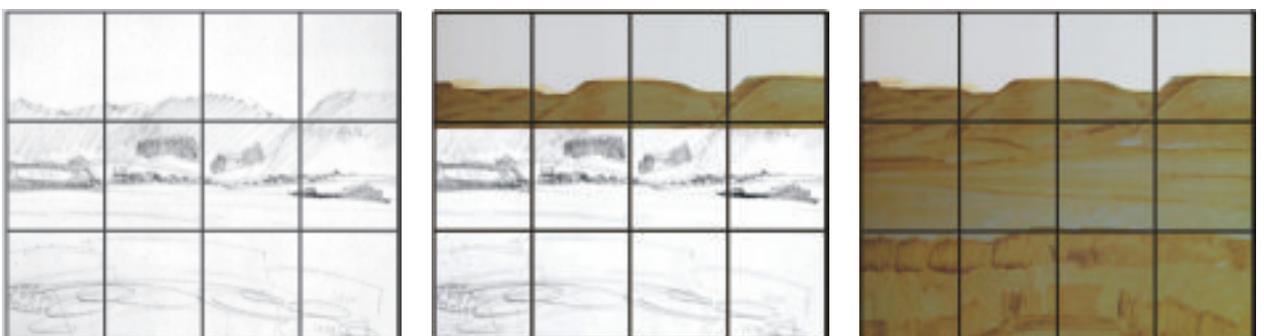
Pintura da paisagem concluída.

Quando pretendemos fazer uma pintura, esta não é mais do que a criação de uma composição que parte da organização do espaço, da ordenação dos contornos e das cores.

É importante saber que, quando se organiza uma composição, se deve procurar equilíbrio e o sentido de adequação.

Pensada a composição (pintura) e feito o esboço, passa-se à transferência definitiva, que poderá ser realizada em papel ou tela. Utilizando o sistema de quadrícula ou quadrados, esta coloca-se sobre o esboço original e transferem-se os pormenores de cada quadrado do esboço. Poderá talvez parecer muito trabalhoso, mas vale a pena porque se terá a certeza de que as proporções não sofrem alterações.

É importante que saibas que uma composição é interessante quando consegue dar uma visão diferente de uma imagem, de modo que esta seja vista ou percebida de uma forma nova.



Sequência onde se vê o esboço da paisagem com a quadrícula, transposição para o suporte definitivo e, por fim, esboço a tinta concluído.



A paisagem vegetal e não só deve ser pintada de forma a criar um sentido de distância e de perspectiva, onde as cores mais escuras e mais fortes, em primeiro plano, empurram o fundo da pintura para a frente, aumentando assim a perspectiva. As cores mais claras e menos fortes aplicam-se, no segundo ou terceiro planos, com a mesma intenção de criar a perspectiva.



Pintura depois de concluída.



Pintura de uma paisagem em que a vegetação e as flores do primeiro plano foram pintadas com cores mais vivas.

## ACTIVIDADE

Faz uma composição ou pintura de uma paisagem vegetal onde se observem os elementos estudados e aplica as cores segundo os planos, criando assim a profundidade (perspectiva) na composição (pintura).



### 1.2.1 – O TRATAMENTO DA PERSPECTIVA ATMOSFÉRICA NA PAISAGEM VEGETAL. A DEGRADAÇÃO DA INTENSIDADE DAS CORES DO SEGUNDO E TERCEIRO PLANOS

Lembras-te quando, nas aulas anteriores, falámos da perspectiva linear ao representarmos uma paisagem, cenas do nosso quotidiano, objectos, coisas, etc., numa folha de papel? Nesses casos tens a necessidade de usar ou aplicar alguns truques que vão permitir a representação da realidade como ela foi vista ou está a ser vista ou apresentada.

Uma das dificuldades surge quando se pretende desenhar ou pintar num espaço bidimensional, quer dizer, com duas dimensões, largura e comprimento, o que é tridimensional. Por exemplo, quando queremos mostrar que a estrada vai mais além, até ao ponto lá no fundo onde vemos que as árvores que a ladeiam se tornam mais pequenas e convergem.



Vista de um caminho que nos dá a sensação de profundidade.

Para poderes dar a noção de profundidade neste caso, é necessário aplicares a perspectiva, que não é mais do que a maneira como vemos os objectos à distância, com as deformações que os nossos olhos captam, tomando formas diferentes, conforme estão mais próximos ou distantes de nós.

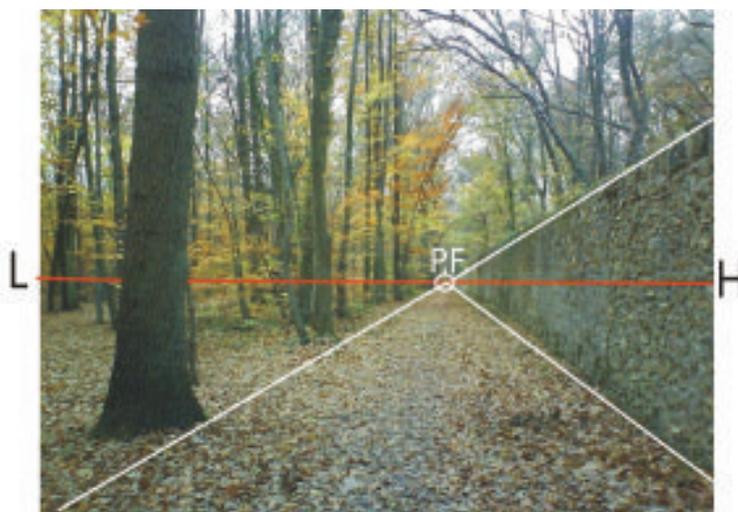


Como vês, muitas vezes falamos da perspectiva linear, porque é um elemento indispensável, quando estiveres a fazer o teu desenho ou pintura.

Por exemplo, se pretenderes desenhar ou pintar o interior de um quarto ou sala, terás de traçar uma linha (linha do horizonte) que passa ao nível dos teus olhos e seguidamente marcar um ponto nessa linha (ponto de fuga), onde vão convergir todas as linhas paralelas (ver as imagens).



Vista interior de um quarto onde se assinalaram as linhas de fuga, a linha de horizonte e o ponto de fuga.



Vista de uma paisagem em que todas as linhas convergem para o ponto de fuga.

## ACTIVIDADE

Agora percebes que a perspectiva permite que os teus desenhos e pinturas estejam de acordo com a realidade que pretendes representar. É dando noção de profundidade nos teus trabalhos que vais criar a perspectiva e também deves dar bastante atenção ao tamanho e à disposição dos objectos no teu desenho ou pintura.

Como já foi referenciado noutras ocasiões, o tamanho varia conforme a distância que separa os objectos do observador: quando mais afastados, mais pequenos.

Faz uma composição onde possas aplicar os conhecimentos adquiridos quanto à perspectiva.





Pintura do artista Vincent Van Gogh onde é bem visível a construção da paisagem em perspectiva.

Depois de termos falado tanto da perspectiva linear, agora vamos falar da perspectiva atmosférica, mas antes disso vamos tratar da cor.

Falamos da cor porquê? Porque não é possível falar-se da perspectiva atmosférica sem tratarmos da cor, elemento visual importantíssimo na comunicação.

Sabias que a cor é resultado da existência da luz? Quer dizer que, sem luz, não é possível existir a cor. Faz uma experiência: fecha os olhos, o que vês é só escuridão, o que quer dizer que estás na ausência da luz e nesta escuridão não vês nenhuma cor. Porquê? Porque estás na ausência da luz. Outra experiência é estar dentro de uma casa à noite, sem luz. De certeza que não vais conseguir distinguir a cor de uma calça ou camisa no meio de outra roupa que queiras vestir na ausência da luz.

Se reparares, só na presença da luz podemos ver a qualidade da cor, por exemplo.

O tom é a coloração da cor (vermelho, amarelo, azul, etc.).

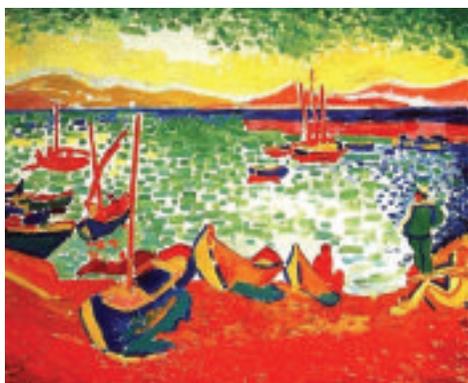
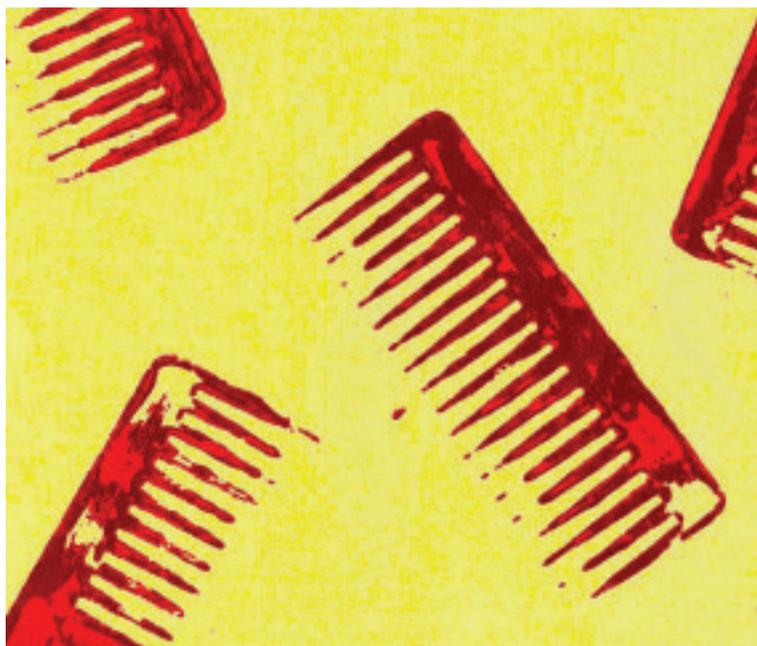
**Tom:** é a luminosidade e a saturação.

**Luminosidade:** é o grau de clareza, quer dizer, a quantidade de luz. Por exemplo, a cor mais luminosa é o amarelo e a menos luminosa o violeta. O branco é luminoso e a cor preta não tem luz.

**Saturação:** é o tom puro, por exemplo, o vermelho mais saturado e o magenta.



Trabalho de aluno (impressão/  
estampagem) onde as cores  
dominantes são o vermelho e  
o amarelo.



Pintura de Derain, em que o artista  
utilizou o vermelho, o verde e o  
amarelo.



Violetas, onde predominam as  
cores violeta e amarelo.

As três qualidades da cor a que nos referimos podem ser vistas ou apreciadas em simultâneo.

É precisamente isto que dá lugar aos contrastes de cor, que podem ser: **claro-escuro**, **quente-frio**, etc.

Contraste **claro-escuro**: observa-se quando duas cores têm graus de luminosidade diferentes, quer dizer, uma cor é mais clara do que a outra.

Contraste **quente-frio**: as cores violeta, azul e verde, conforme já vimos nas classes anteriores, são cores frias.



Ora, o vermelho, o amarelo e o laranja são cores quentes, associamos-las sempre ao fogo e ao Sol.

O branco, o preto e o cinzento são cores neutras.

É nesta ordem de ideias que podemos dizer que uma harmonia cromática é o resultado de um conjunto de cores que se equilibram na composição plástica.

Deves ter sempre presente que as cores primárias são o vermelho, o amarelo e o azul e que as outras, que se obtêm a partir da mistura delas, são as chamadas secundárias.

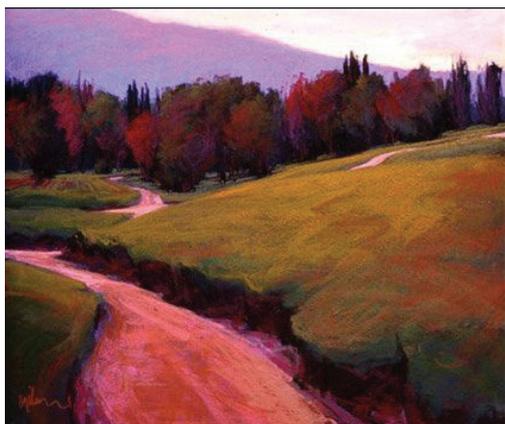


Paisagem onde a conjugação das cores é harmoniosa.

Depois de termos falado da perspectiva linear, da cor e da harmonia cromática, podemos falar da perspectiva atmosférica ou aérea.

Seguramente já observaste uma paisagem vegetal ou outra e reparaste que, à medida que a visão se vai perdendo no infinito, no além da paisagem, as árvores, os objectos e as coisas vão clareando, quer dizer, vão perder a tonalidade forte da cor, tornando-se mais claras à medida que se afastam do observador, para dar a ilusão de profundidade. Se reparares, verás que na natureza ou no meio que nos circunda tens uma visão mais nítida das coisas que se encontram mais próximo de ti.





A sequência ilustrada desta paisagem mostra cores bem fortes e marcadas na primeira imagem e, nas seguintes, o segundo e terceiro planos vão-se esbatendo gradualmente.



O que estiver mais afastado é envolto numa névoa de azuis e cinzentos devido ao vapor de água que existe na atmosfera.

Leonardo da Vinci (1452-1519) utilizou para definir a cor o contraste do primeiro plano em relação aos mais afastados ou aos que estão mais além. A este efeito chamou perspectiva atmosférica, que também pode ser perspectiva aérea. O que é mais pequeno é aquilo que está mais longe, mais escuro, a cinzento, e com menos detalhes ou pormenores, sendo difícil distinguir-se com exactidão. Os objectos e, de uma maneira geral, as formas são mais esfumadas e vagas, com pouca nitidez devido à distância entre a pessoa que está a observar os objectos. Queremos deixar bem claro que isto não sucede só na paisagem vegetal, mas em todas as paisagens que estivermos a observar. Um bom conselho quando estiveres prestes a fazer um desenho ou mesmo uma pintura é lembrares-te sempre de que:

As cores mais escuras e mais fortes em primeiro plano empurram o fundo da pintura para a frente, para chamar a atenção e aumentar a perspectiva.



Uma boa variação no tom e na cor descreve bem os objectos e dá vida à composição.



Fotografia panorâmica de uma vila onde é visível a gradação da nitidez entre o primeiro, o segundo e o terceiro planos.

Temos a esperança de que, com estas noções sobre a perspectiva atmosférica ou aérea e contando também com a tua experiência, possas compreender melhor o mundo que te rodeia e de que as dificuldades de representação sejam paulatinamente vencidas ou superadas.



Imagem fotográfica que ilustra bem a perspectiva atmosférica.





Imagem fotográfica que ilustra bem a perspectiva atmosférica.

## ACTIVIDADE

Agora que já sabes, faz uma composição onde se possa observar a perspectiva atmosférica ou aérea. Não te esqueças dos detalhes já referenciados, como a intensidade da cor dos objectos que estiverem no primeiro, segundo e terceiro planos e a aplicação dessa degradação da intensidade da cor nos planos para conseguires esse efeito da perspectiva atmosférica ou aérea, tendo em conta a profundidade.

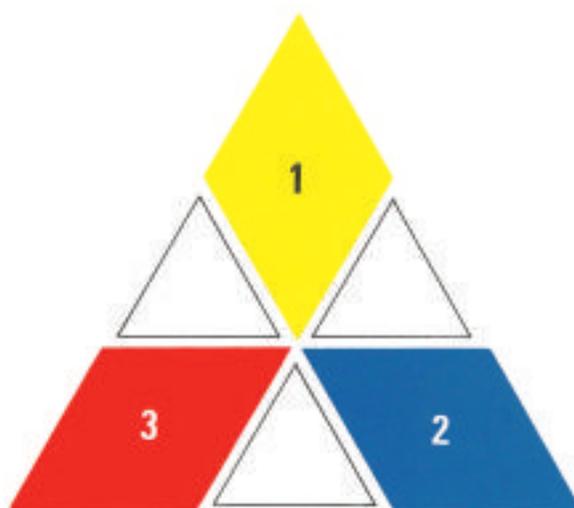
### 1.2.2 – A MUDANÇA DE MATIZES DE UM OBJECTO POR INFLUÊNCIA DA LUZ NATURAL OU ARTIFICIAL

Estás lembrado de falarmos das cores. Vimos que temos as cores primárias (vermelho, amarelo e azul) e também as cores secundárias, que se obtêm a partir da misturas das cores primárias.

A cor é resultado de quê? Se olhares à tua volta, se for de dia, o que vês? E se for de noite ou na escuridão, o que é que acontece? Pois bem, a cor é resultado da existência da luz. Sem a luz não existe cor.

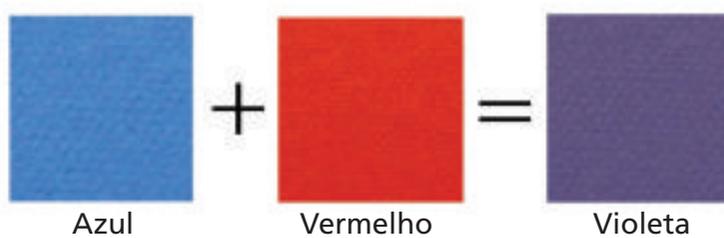
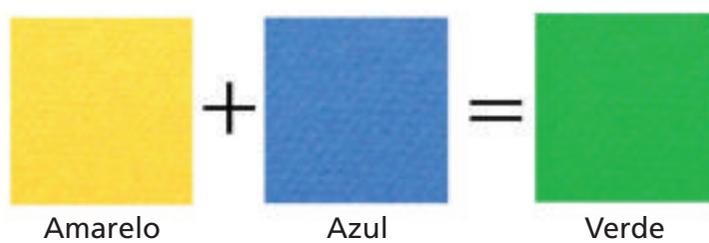
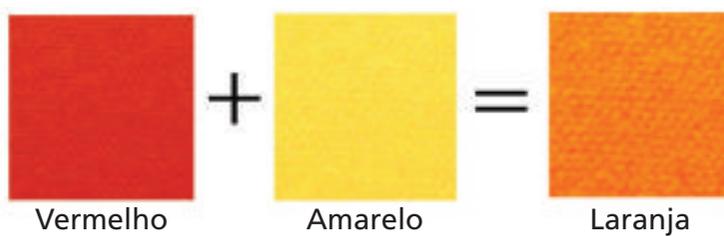
Na falta ou ausência da luz, o que vemos é escuridão e não vemos a cor e muito menos distinguimos a forma.





**Cores primárias:**

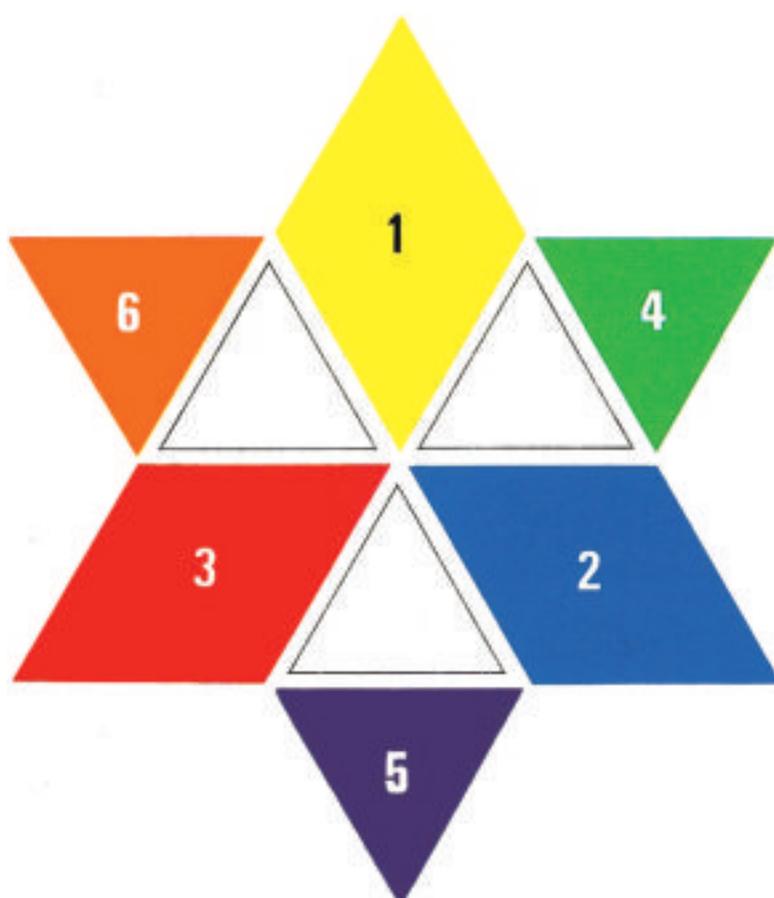
1. Amarelo
2. Azul
3. Vermelho



Quando misturamos em proporções ou quantidade variáveis as três cores primárias, obtém-se uma variedade de cores secundárias, todas elas compostas de duas cores primárias.

É desta maneira que se obtém a estrela cromática que de seguida te apresentamos. Verás que as cores mais próximas do centro da estrela são as três cores primárias e as três cores secundárias.

A cada conjunto de duas cores diametralmente opostas chama-se cores complementares ou opostas (o azul e o laranja, o violeta e o amarelo, o vermelho e o verde).



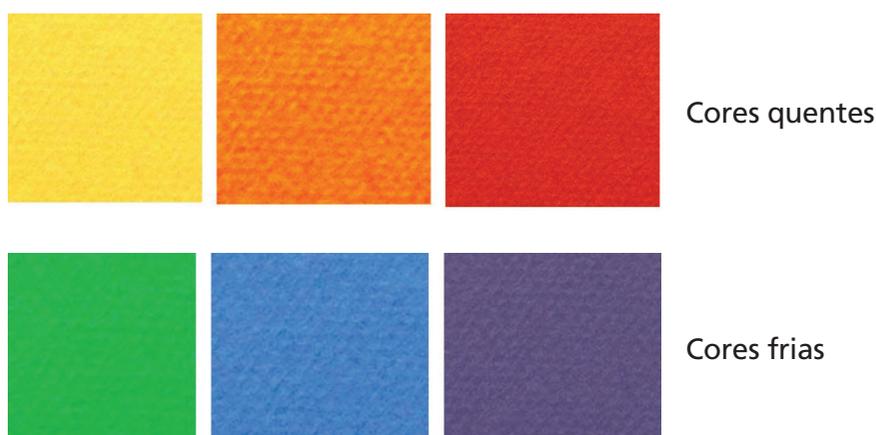
Estrela cromática com as cores primárias e secundárias.

Neste mundo que nos rodeia, é difícil definir o conceito de harmonia. Naturalmente, tem-se dado este nome à combinação de cores que se formam esteticamente de uma forma agradável.

Podemos encontrar vários tipos de harmonia. As mais comuns são conseguidas através da utilização ou do uso de cores opostas, desde que uma delas tenha predomínio sobre a outra.



É nesta óptica que se torna difícil estabelecer regras rígidas quando se trata de uma educação visual e estética. No entanto, é importante teres o mínimo de informação, para que sejas tu mesmo, através da observação e da tua experiência, a ires descobrindo e apurando o gosto. Desta maneira, conseguirás encontrar a melhor e mais harmoniosa forma de usares a cor para que possas então resolver os problemas que vão surgindo, quando estiveres a pintar ou quando escolhes a camisa ou a calça que se harmonize com o resto da roupa que vais vestir, por exemplo.



Depois de termos falado sobre a cor, agora vamos tratar da mudança de matizes de um objecto por influência da luz propriamente dita.

### A influência da luz

Aproveitando a tua experiência, diz como te sentirias se estivesses fechado num quarto escuro sem luz natural ou artificial por algum tempo. É claro que, se estiveres a dormir, essa experiência seria diferente, apesar de existirem pessoas que não suportam dormir na escuridão total. Se estiveres de olhos abertos, vais concordar connosco em que não é possível veres ou identificares uma cor. Sabes porquê? Porque não há luz. Além disso, é a luz que produz a sombra, útil na definição e identificação visual de cor, forma, volume, textura, etc.



## ESCULTURA DE RODIN



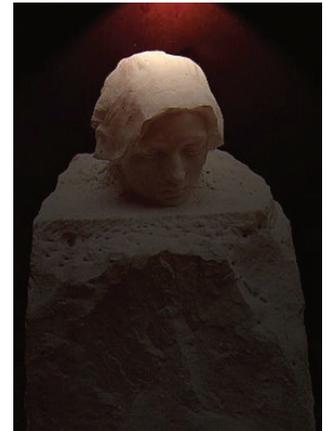
Luz frontal.



Luz lateral direita.



Luz de baixo.



Luz de cima.

Se observares bem as figuras anteriores, notarás que, nas superfícies onde incidem os raios de luz, a cor é mais clara e luminosa, tornando-se mais escura à medida que a intensidade da luz vai diminuindo. Se prestares atenção, verás que as cores à tua volta se vão alterando de acordo com as horas do dia.

Recebemos sensações diferentes perante luzes de cores diferentes.

Seguramente já te assustaste com alguma coisa à noite que, por falta de luz, te deu a sensação de teres visto um animal, uma pessoa ou mesmo algo de assustador. Isso deve-se precisamente à falta de luz, quer artificial quer natural, porque a cor e direcção da luz influenciam a definição de um objecto. Podemos ver um objecto sem luz e termos a sensação de ser assim, mas com a presença da luz ser outra coisa.



Fotografia tirada com luz do dia.



Fotografia tirada à noite, com pouca luz.

### ACTIVIDADE

Faz uma composição (pintura) com um tema ao teu gosto onde se observe luz e sombra.



### 1.2.3 – A MUDANÇA DAS CORES NO TRATAMENTO DE UMA PAISAGEM

Seguramente já ouviste falar do contraste de opiniões, de formas de cores, etc.

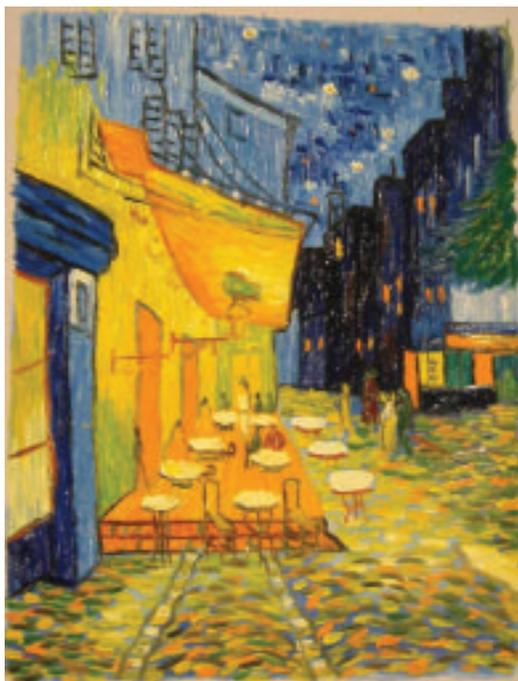
O que é o contraste? É uma qualidade da relação entre as coisas, os objectos, e que ajuda a distinguir.

Nem sempre, porém, o contraste se mostra tão marcado. Quer a nível da forma quer a nível da cor, etc., podemos distinguir tipos de contraste mais subtis e, portanto, aquelas são difíceis de perceber e de ver.

É importante teres a noção de contraste quando queres representar ou comunicar a tua ideia.

A cor é um elemento importante numa composição (pintura). É fácil perceber como algumas cores dominam uma pintura ou composição e atraem a atenção, enquanto outras se perdem contra o fundo. As que se destacam são as cores primárias, as chamadas cores dominantes.

Quando se conhece o efeito que a cor causa, percebe-se que a mudança das cores numa paisagem pode criar uma sensação de distância na tua composição ou pintura.

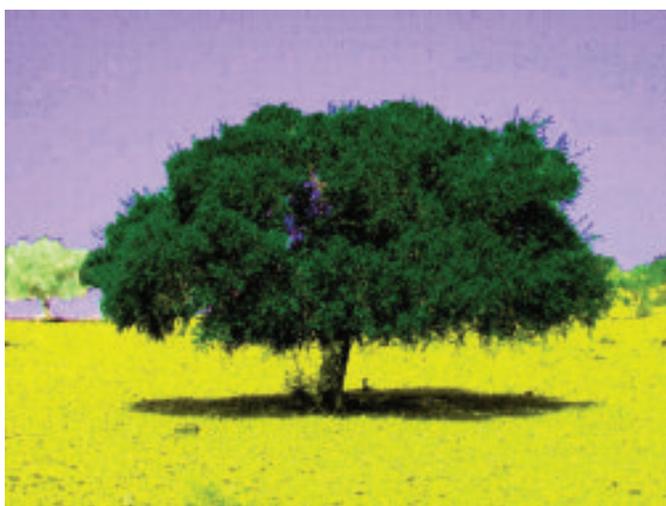


Pintura de Van Gogh onde os diferentes planos são tratados com cores diferentes.



Quando se pintam as cores de fundo fortes, os objectos aparecem bem definidos, ou seja, podemos distingui-los muito bem. Se o fundo se pintar com as cores menos fortes e menos vivas, os objectos aparecem pálidos, mais azulados e menos definidos. Nas aulas anteriores, viste que as cores mais escuras e mais fortes aplicadas em primeiro plano empurram o fundo da pintura para a frente, chamando assim a atenção e aumentando a perspectiva da composição ou pintura.

Como os objectos recuam em direcção ao horizonte, parecem ganhar um tom mais azul e mais claro. É por esta razão que os artistas (pintores, desenhadores) normalmente trabalham a partir dos tons mais claros no fundo da composição para os mais escuros à frente. Com essas mudanças das cores, obtém-se a profundidade na pintura, que não é mais do que a perspectiva.



Paisagem em que as cores fortes do primeiro plano contrastam com as cores suaves do fundo.

Mudando as cores, podemos ver que o que estiver mais longe aparece mais pequeno, mais escuro, menos definido, acinzentado, de um azul mais claro e com menos pormenores, devido à distância que se vai observar entre o observador e a paisagem.

### ACTIVIDADE

Faz uma composição onde se observem todas essas características na paisagem, usando as cores a teu gosto.



# TEMA 2

## O TRATAMENTO DA COR NO SUPORTE VEGETAL

### 2.1 – Introdução à tecelagem

Há cerca de 7000 anos, ou talvez muito antes, foi tecido o primeiro pano, na Turquia e na Palestina. Quer dizer que, pela primeira vez, o homem tinha uma alternativa ao vestuário feito de pele de animais. Os povos primitivos faziam tecido exactamente como se faz hoje em dia, tecendo ou entrelaçando dois fios perpendiculares entre si. Para esta actividade usavam uma estrutura simples que constitui a forma mais antiga de tear, que consistia num conjunto de fios (a teia ou urdidura) que eram estendidos e bem esticados entre duas traves de madeira fixadas no chão com cavilhas.

O tecelão utilizava uma vara para afastar os fios alternados da teia, criando um espaço entre eles, denominado cala. A seguir passava um fio (a trama) através destes intervalos, perpendiculares à teia, de maneira a formar uma linha de tecelagem.

Seguidamente, trocava os fios da teia e fazia passar de novo o fio da trama para formar outra linha de tecelagem e assim por diante.

É importante realçar que, por volta de 3000 antes de Cristo, se usavam também teares em que a tensão da teia era obtida por pesos: quer dizer, **os fios da teia pendiam** de uma travessa e eram mantidos em tensão por pesos atados nas extremidades.



Tear de pesos muito antigo.



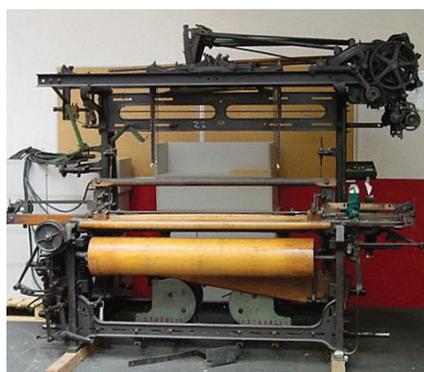
Actualmente, podemos dizer que se mantêm os mesmos processos, embora com algumas modernizações, que vamos encontrar nos instrumentos de trabalho.

Já pensaste como são feitos, e com que materiais, os tecidos que usamos no vestuário no nosso dia-a-dia?

É precisamente pelo processo de obtenção de tecido a que chamamos tecelagem.



Tear tradicional.



Tear mecânico.

Para melhor poderes compreender este tema, vamos começar por dizer que a tecelagem é um processo manual e industrial para obtenção do tecido.

### O que é um tecido?

O tecido é o produto que se obtém a partir do cruzamento dos fios da trama com os fios da teia, em que o fio da trama entra por um lado da teia e sai pelo outro (ourelas), tendo em conta ou respeitando um determinado padrão.

O que é necessário para se fazer um tecido:



Pormenor de um tear com os fios da teia montados, a trama, a naveta ou lançadeira, etc.



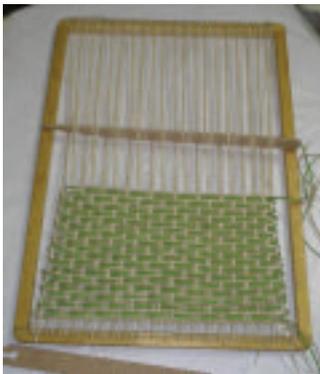
**Tear** – é um aparelho simples ou complexo, no qual montamos a teia.



Ilustração de vários tipos de tear: mecânico, madeira, cartão.

**Teia** – são fios montados no tear, através dos quais passa o fio da trama, cruzando-os. O comprimento e a largura é determinado por estes fios.

**Ourela** – primeiros quatro fios de cada lado da teia, que são reforçados (passando duas vezes o fio da teia pelo mesmo espaço).



A teia e a trama num tear de pregos.



Vista de pormenor da montagem da teia.

**Trama** – é o fio móvel que cruza os fios da teia entrando numa ourela e saindo na outra, através do espaço que se forma entre os fios da teia (que se chama cala). Após cada passagem, o fio da trama deve ser batido com um pente.



O trabalho com a teia e a trama num tear de pente ou liços.

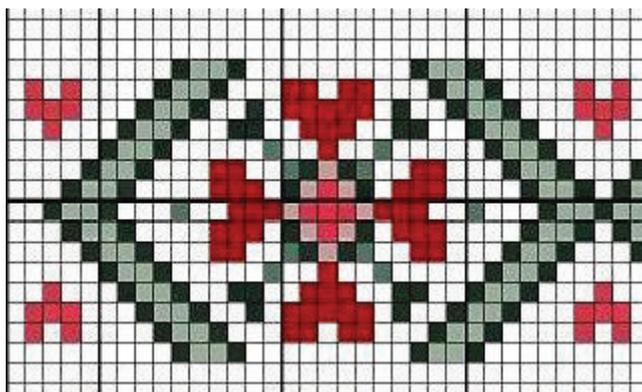


**Debuxo** – é o sistema gráfico que é utilizado para representar o cruzamento dos fios da teia e da trama.

Quando se representa o debuxo ou ponto, utiliza-se papel quadriculado. Cada coluna vertical representa os fios da teia e a horizontal os fios da trama, a qual se pode chamar passagem.

Uma quadrícula dessas pintadas quer dizer que, no tecido, o fio da teia passa sobre o fio da trama. Quando isto sucede, esta representação denomina-se pica.

Cada quadrícula em branco indica que o fio da trama vai ficar sobre o fio da teia. A esta representação chama-se **deixa**.



Exemplo da representação de um debuxo.

**Módulo** – é a mais pequena unidade de debuxo que, quando é repetido, produz um tecido.

Este tecido tem um padrão que é o resultado dos módulos e designa-se por desejo do tecido.



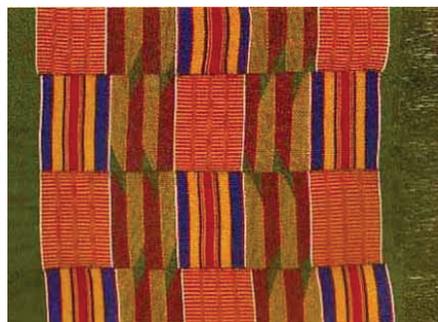
Modelo de um tecido acabado com um padrão bem definido.



**Padrão** – é o nome que é dado ao desenho obtido pelo cruzamento dos fios da trama com os fios da teia.



Padrão de tecido axadrezado.



Tecido com outro tipo de padrão.

### Tipos de teares

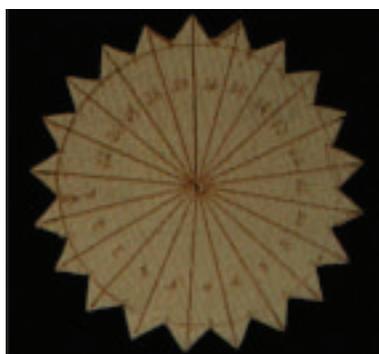
Existem vários tipos de teares que podem ser feitos de várias matérias, como madeira, que é o material mais adequado, e também cartão.

Primeiro vamos falar do tear de cartão, que é fácil de fazer atendendo à realidade da tua escola.

**Tear de cartão** – abrem-se nos dois lados do cartão umas ranhuras e fazem-se umas aberturas separadas à mesma distância onde irá passar a teia.



Tear de cartão rectangular.



Tear de cartão circular.



Tear de cartão quadrangular.

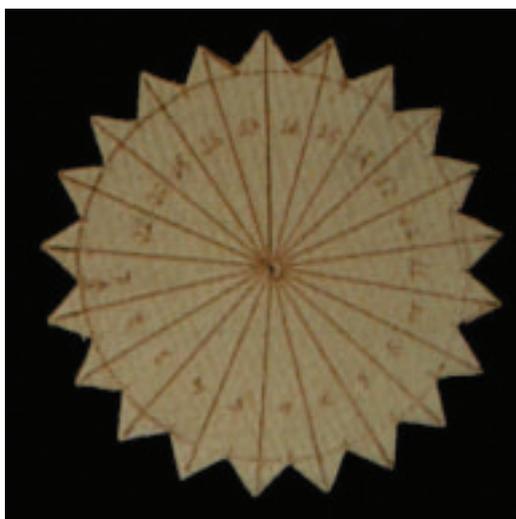


## Teares de cartão – Montagem da teia

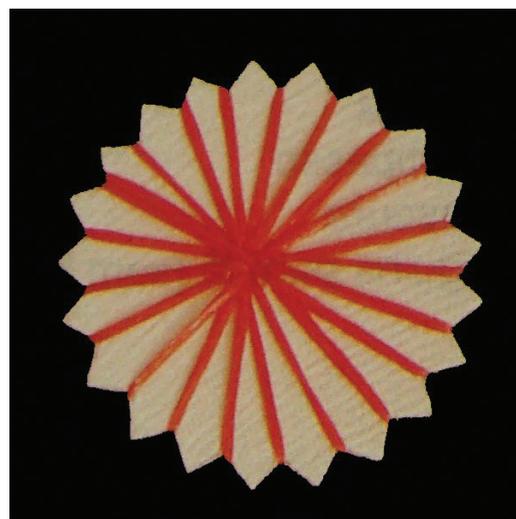
Para os casos rectangular ou quadricular, a montagem da teia é semelhante ou igual: começa-se por uma ponta, onde darás um nó, e segues a passagem dos fios até chegares ao último espaço, dando também um nó.

Para casos de teares de cartão circulares, o primeiro passo é passar-se o fio pelo centro do tear, depois passar-se por um dos pontos de fixação (ranhuras) e seguidamente fixar-se no ponto oposto, quer dizer, traçando o diâmetro da circunferência.

Repete-se esta operação até se enfiarem todos os pontos. Concluída a operação, na parte de trás do tear dá-se um nó com as pontas do fio, inicial e final.



Tear circular onde foi feita a divisão da circunferência em partes iguais.



Colocou-se a teia em todas as ranhuras.



Desenvolvimento do trabalho de cruzamento do fio da teia com o fio da trama.



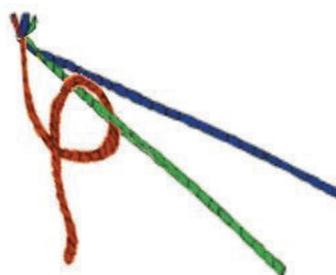
## Como entrançar com três tiras

Primeiro tens de arranjar três tiras e, seguidamente, prende as extremidades superiores de três tiras ou fio prendendo com um alfinete, atando ou mesmo cosendo.



Prendem-se os três fios por uma das extremidades.

Segundo passo: colocam-se lado a lado as três tiras. A da esquerda pode ser a primeira a entrançar sobre a do centro (segundo). A da direita será a terceira a entrar.



A tira da esquerda entrança sobre a do meio.

## Como entrançar com quatro tiras



Figura ilustrando a seqüência do entrançamento com quatro tiras.

Seguidamente, entrança-se pela ordem que as figuras mostram.

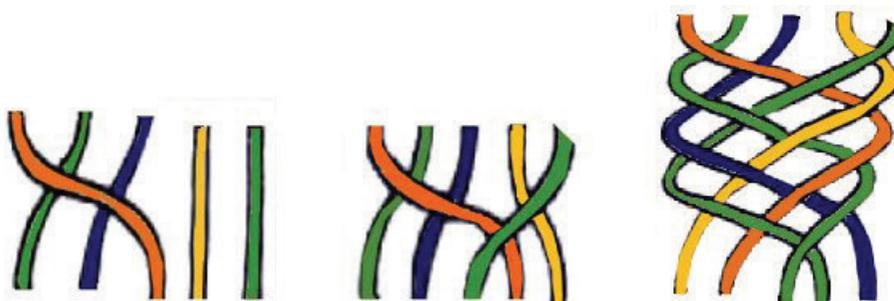
Assim que é alcançado o comprimento desejado, remata-se cortando as pontas e virando-as ao contrário e introduzindo-as no espaço do lado de trás da trança. Pode segurar-se também com um ponto discreto pelo lado da frente ou então com um pedaço de fio.



## Como entrançar com cinco tiras

Observa o modo de procederes nas figuras seguintes.

Ilustração da sequência de entrelaçamento com cinco tiras.



## Como fazer a tecelagem de papel

Arranja uma cartolina, um jornal, uma revista, uma folha de formato A4, uma agulha de arame ou uma lançadeira, uma tesoura, um lápis e uma lupa para servir de guia quando se estiver a cortar.



Seguidamente, marcam-se as tiras, com um riscador que pode ser um lápis, e, com a ajuda de um canivete, fazem-se cortes paralelos, separados uns dos outros por iguais distâncias que correspondem à largura das tiras que pretendemos utilizar.

Medem-se e marcam-se as tiras de papel.



Posteriormente, cortam-se as tiras com largura correspondente aos cortes já feitos. Estes têm de ser da mesma largura, podem ser de papel colorido ou previamente pintado, de forma a obter-se uma vista agradável.

Cortam-se as tiras com a medida desejada.



Com o auxílio de uma lançadeira ou agulha, passam-se as tiras pelos cortes feitos no papel. Passa-se uma ou mais de acordo com o resultado pretendido.

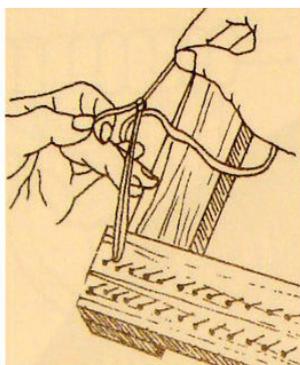
Obtido o resultado, finalmente vais colar as pontas que ficaram soltas.



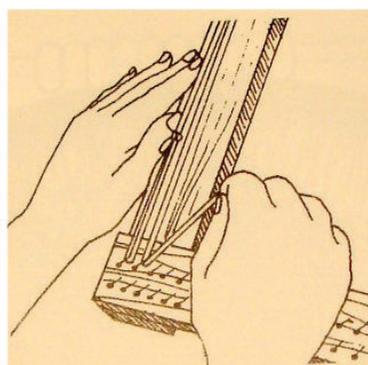
Efeito obtido neste trabalho em que se entrançaram na fibra têxtil tiras de papel de várias cores e texturas.

### Teares de pregos

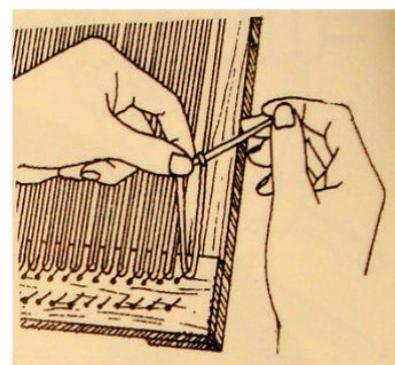
O princípio dos teares de prego é semelhante ou o mesmo dos princípios dos teares de cartão, só que a diferença reside em que, em vez de o fio ficar preso nas ranhuras, fica preso à volta dos pregos. É importante teres sempre presente que nos primeiros quatro pregos de cada lado do tear debes passar o fio de teia duas vezes para fazer a orela.



1



2



3

Sequência em que se ata a teia ao primeiro prego (1), se contorna o fio pelos pregos (2) e, por fim, se fixa a teia ao último nó (3).



Os teares de pregos são constituídos por ripas de madeira, que formam normalmente quadrados ou rectângulos e cujos lados menores do rectângulo ou dos lados opostos do quadrado passa uma fileira de pregos distanciados 0,5 ou 1 cm, correspondendo estes, em relação aos teares de cartão, aos bicos ou ranhuras por onde se fará passar o fio da teia.



Trabalho em fase de execução num tear de pregos.

Para além dos que foram mencionados, deves saber também que existem outros tipos de teares como: tear de malha, tear de pele liso, tear de manípulo, tear de dois quadrados, etc. Na 6.<sup>a</sup> classe, só trataremos dois tipos de teares que nos interessam e que já foram referenciados, que são os teares de cartão e o tear de prego, e os restantes serão conhecidos nas classes posteriores.

Também deves saber que existem teares manuais e teares mecânicos; os teares de cartão e de prego são manuais e os teares mecânicos e computadorizados de pinças.



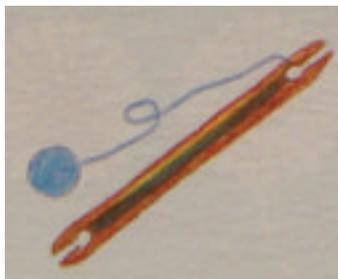
Tear manual de alto liço.



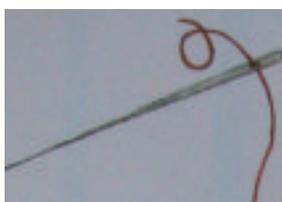
Tear mecânico.



## Instrumentos de trabalho e utensílios



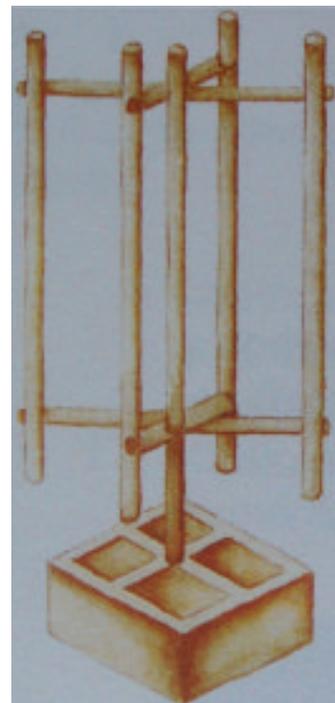
Naveta ou lançadeira.



Agulha.



Tempereiro.



Dobadoura.

### O pente

O pente, que pode ser substituído por um garfo, serve para aconchegar os fios de trama após cada passagem pela teia.



Pente.

### Navetas ou lançadeiras

São ripas de madeira ou régua com uma cavidade em cada uma das extremidades. A sua função é enrolar o fio de trama e, para o fazer, passar entre os fios da teia, segundo os movimentos determinados pelo padrão seleccionado. Pode ser substituído por uma agulha de arame.



Naveta ou lançadeira para tear de baixo liço.





Tear de baixo liço com a teia montada e o tempereiro.

### O tempereiro

É uma peça de fabrico de madeira, podendo ser também de ferro, que tem nas extremidades uns dentes pequenos. O tempereiro tem a função de esticar o tecido no sentido da largura para evitar o estreitamento continuado ou progressivo. Ou melhor, evitar que o tecido aperte ao tear os pregos das extremidades, que são enfiados na orelha do tecido.



Urdideira.

### A urdideira

É um aparelho que tem umas cavilhas onde podemos esticar os fios da urdidura paralelamente.

Esta operação designa-se urdir; só quando a montamos no tear passa a chamar-se teia.



Dobadeira.

### As dobadeiras

É um aparelho que tem umas cavilhas onde podemos esticar os fios da urdidura paralelamente.

Esta operação designa-se urdir; só quando a montamos no tear passa a chamar-se teia.

**Agulha de coser lã** - serve para rematar as pontas e montar o trabalho.



Agulha



**Tesoura** - serve para cortar fios.



Tesoura.

**Alfinetes** - servem para ajudar a montar o trabalho.



Alfinetes.

### ACTIVIDADE

Faz cruzamentos com tiras de papel e varinhas para treinares.

#### 2.1.1 – O TEAR TRADICIONAL E AS TÉCNICAS DE TECELAGEM

Agora vamos falar das operações técnicas comuns aos tipos de teares que já conheces.

- 1 – Determinar o padrão.
- 2 – Escolher as fibras.
- 3 – Dobrar.
- 4 – Urdir.
- 5 – Montar a teia.
- 6 – Esticar e prender a teia.
- 7 – Tecer.

Todos os teares a que nos referimos passam por essas operações.



## 1 – DETERMINAR O PADRÃO

É determinar ou escolher a maneira ou o modo como se devem cruzar os fios de trama e teia, para que se obtenha o tecido pretendido. Para que isso aconteça, é importante conhecerem-se os padrões fundamentais, a partir dos quais se podem produzir variantes de tafetá, sarja e cetim.

## 2 – ESCOLHER AS FIBRAS

Para esta actividade, é recomendável, sempre que possível, utilizar-se o fio de algodão na teia; se não houver, pode usar-se o fio de pescador.

Ficas também a saber que na trama podem ser utilizados vários materiais como, por exemplo: fio de algodão, palha, sisal, lã, ráfia natural e sintética, juta, fio de plástico, tiras de papel, tiras de tecidos de malha e de panos, etc. As fibras são escolhidas de acordo com o trabalho a realizar.



Diferentes tipos de fibras têxteis.

## 3 – DOBAR AS LÃS



Actividade de dobagem consiste em transformar uma meada de lã em novelo. Esta dobagem é feita precisamente por ser mais fácil trabalhar a lã a partir do novelo.

Dobagem da lã.



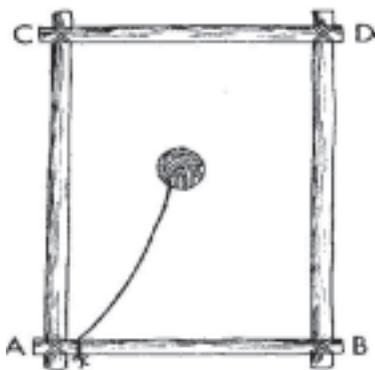
## 4 – URDIR

É uma operação que tem como objectivo obter em número exacto o conjunto de fios que constituem a teia.

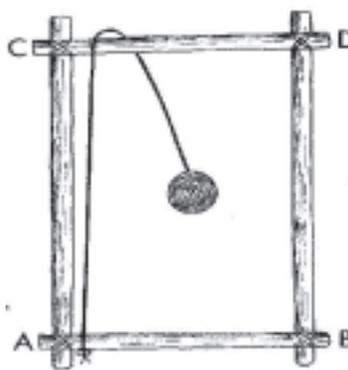


Diferentes tipos de fibras têxteis.

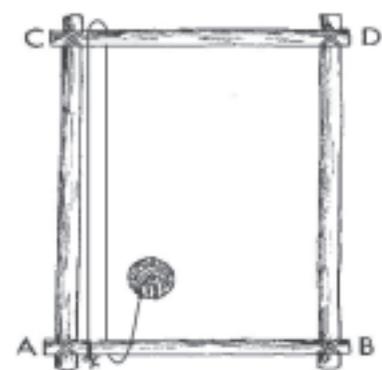
## 5 – MONTAR A TEIA



Unir a ponta do fio à trave inferior.



Enrolar o fio em volta da trave oposta.



Passar o fio em volta da trave inferior.



Continuar a operação até ao final da largura do pano.



Introduzir a divisória alternando a passagem dos fios.

## 6 – ESTICAR E PRENDER A TEIA

A execução desta operação é feita ao longo da montagem da teia, prendendo as pontas da teia, conforme já foi mostrado nas figuras anteriores.

Homem esticando os fios no tear.



## 7 – TECER

É precisamente quando se passa de forma alternada a trama por cima e por baixo da teia segundo uma ordem estabelecida. É o cruzamento destes dois fios, trama e teia, que forma o tecido.



Menina realizando um trabalho de tecelagem em papel (à esquerda) e o mesmo trabalho concluído (à direita).



Menino realizando um trabalho de tecelagem com fios de lã.

### PASSOS PARA CARREGAR A NAVETA OU LANÇADEIRA

- 1 – Enfia-se a linha no entalhe.
- 2 – Enrolamos a linha ou fio para a esquerda, à volta da ponte esquerda.



Naveta ou lançadeira a ser carregada de lã.

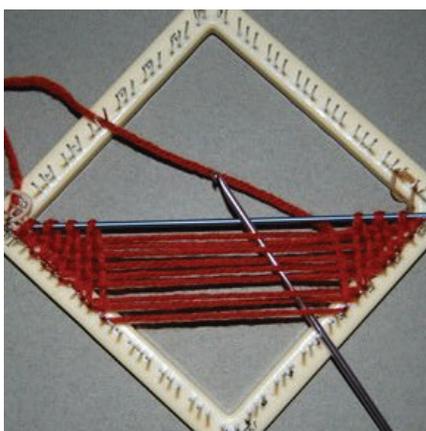


Naveta ou lançadeira com a lã enrolada.

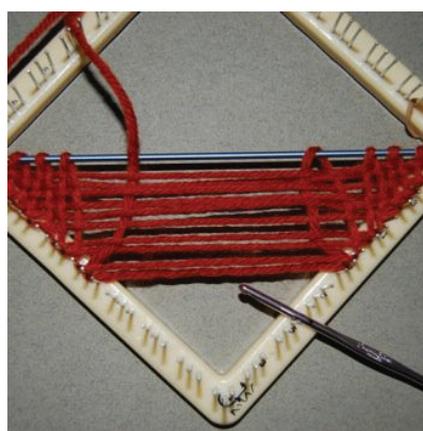


- 3 – Enrolamos a linha ou fio no sentido dos ponteiros do relógio, à volta da ponte direita, formando um 8.
- 4 – Seguidamente, passamos a linha ou o fio pela parte posterior da lançadeira e enrolamos longitudinalmente.
- 5 – Cortamos o resto da linha ou fio.
- 6 – Utilizamos a naveta ou lançadeira.

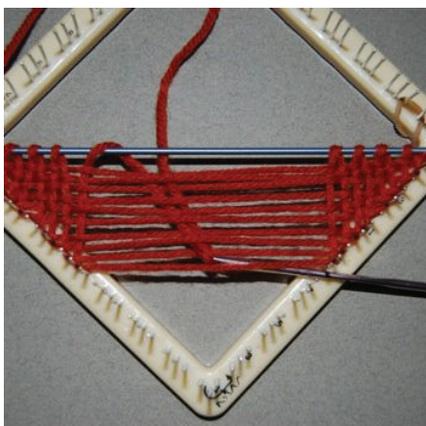
### COMO TECER EM TEAR DE PREGOS



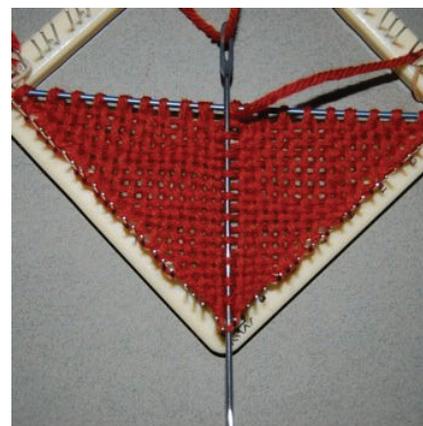
No primeiro passo, colocamos a vareta divisória de lado e passamos da esquerda para a direita.



No segundo passo, colocamos outra vareta divisória na posição original. Assim, introduziu-se uma nova linha ou fio de trama.



Faz-se deslizar o fio de volta até à sua posição correcta com a ajuda da vareta divisória.



Repete-se o processo desde o primeiro passo.



### 2.1.2 – ESTUDO DE OBRAS DE TECELAGEM TRADICIONAL

Para que aumentes os teus conhecimentos sobre a tecelagem, se no teu bairro ou na tua família existir um tecelão, visita-o, conversa com ele, expõe as tuas dúvidas para que sejam esclarecidas.

Também podes visitar um museu, uma galeria de arte para poderes observar e conhecer esse manusear artístico que o nosso povo tem, desde os nossos antepassados, essa herança que devemos preservar transmitindo as experiências às novas gerações.



Trabalhos de tecelagem com diferentes graus de dificuldade.

### 2.1.3 – REALIZAÇÃO DE OBRAS DE TECELAGEM A DUAS E TRÊS CORES

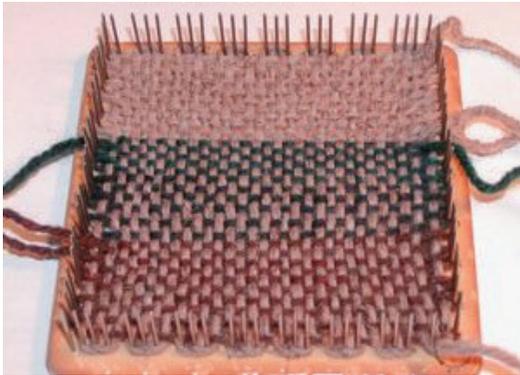
Quando utilizamos a cor na teia é porque queremos executar no xadrez uma mudança de cor.

Primeiro começamos por executar o seu debuxo e por ver quantos fios de cada cor são necessários, dando-se sempre o nó.

Quando quiseres mudar de cor, deves sobrepor o fio que termina e o outro que principia.



Este procedimento vai dar um aspecto mais uniforme ao trabalho. Poderás fazer o ponto com uma, duas e três cores e evitar que se tenham de rematar no final do trabalho.



Trabalho com aplicação alternada de cores.



Diferentes trabalhos tecidos em tear de pregos.

### APRECIÇÃO DAS OBRAS PELOS PRÓPRIOS ALUNOS

Depois de todas as informações que adquiriste sobre a tecelagem, estás em condições de definir que trabalho vais fazer e a sua função, desenho e a forma que vai ter.

Feito o trabalho, observa o mesmo com bastante cuidado, para poderes ver as falhas que cometeste e como melhorar.

Sê sempre o primeiro crítico do teu trabalho, valorizando o teu esforço e reconhecendo os erros cometidos.

Só assim os outros podem respeitar o teu trabalho.



Meninos observando e comentando alguns trabalhos de tecelagem.



Sê crítico, sim, mas sugerindo sempre como melhorar. Não comentes de forma desencorajadora os trabalhos dos outros. Tenta sempre motivá-los para ultrapassarem as dificuldades.

## ACTIVIDADE

- Pensa em algo que pretendas executar.
- Primeiro, define o material e os instrumentos que vais utilizar.
- Seguidamente, desenha a forma e as cores que vais utilizar.
- Agora, estás em condições de montar o tear, seja de prego ou de cartão.
- Estende as linhas, fios ou tiras de papel.
- Seguidamente, podes iniciar a tecelagem de acordo com o padrão escolhido.
- Está feito o objecto. Observa os detalhes. Caso saia mal, tenta outra vez.

Bom trabalho!



## 2.2 – INTRODUÇÃO À CESTARIA

Nos tempos remotos não havia livros que contassem a história da existência das coisas ou objectos: as pedras, os ossos, as conchas, as pinturas rupestres e os instrumentos de trabalho é que nos ensinam como viviam os homens dos tempos passados. Portanto, quando pensamos no homem, devemos pensar no trabalho, nas nossas mãos, que são capazes de realizar as actividades mais delicadas com uma destreza e habilidade que é fruto do próprio trabalho. O conhecimento cada vez mais perfeito do mundo que nos rodeia deve-se ao trabalho.

O homem, no começo, servia-se da natureza que o meio ambiente lhe apresentava, mas sem fazer uso de intermediários. Entre o fruto, a semente e a necessidade de alimento só intervinha a mão.

A necessidade cria o engenho e o homem necessitado cria o trabalho, elabora os instrumentos. Primeiro retirou-os da natureza, depois submeteu-os a um longo processo de transformação e produziu objectos verdadeiramente novos. Portanto, antes de haver um objecto, há uma necessidade ou uma aspiração e há sempre uma intenção. Quem diz intenção pode dizer desígnio e quem diz desígnio pode dizer design.

Daqui podemos ver que o homem, quando escolhe algum material para lhe dar forma e para o transformar num objecto, sempre teve a preocupação de multiplicar as actividades para melhorar as condições de vida. Por exemplo, no tema 3 da 5.ª classe, estudaste os objectos reciclados e as transformações que o homem foi operando para a criação de diversos objectos.

Na 6.ª classe, vais continuar a aprofundar os conhecimentos adquiridos nas classes anteriores sobre a criação de objectos utilitários, desta vez sobre a cestaria, que é um processo ou técnica que data de há muitos anos. Quer isto dizer que é uma das técnicas utilizadas pelos nossos antepassados na criação ou elaboração de valiosos objectos, muitos deles pertencentes ao património nacional e internacional.



### 2.2.1 – INTRODUÇÃO À CESTARIA TRADICIONAL ANGOLANA

Durante milénios, o homem foi fabricando manualmente os objectos de que necessitava, utilizando processos ou técnicas mais rudimentares. Muitos desses processos são ainda hoje utilizados em várias regiões de Angola e na chamada produção artesanal, em que o nosso país é tão rico e na qual pretende manter a tradição das formas, materiais e técnicas, características e enriquecedoras da cultura de cada região.

A produção artesanal baseia-se em conhecimentos transmitidos ao longo do tempo, de geração em geração, sendo os objectos produzidos manual-mente e por vezes com a ajuda parcial da máquina no caso da roda de oleiro e do tear manual, entre outros.

Um objecto de artesanato evidencia sempre a marca do homem-artesão que o produz. Podemos encontrar objectos semelhantes, mas nunca exactamente iguais.

A cestaria é uma das artes mais antigas praticada pelo homem. Ao mesmo tempo que poliam a pedra e trabalhavam os metais, os homens entrançavam as plantas mais flexíveis oferecidas pela natureza. Dos poucos investigadores que se têm debruçado sobre esta arte, alguns relacionam na sua origem a cestaria com a olaria, tentando demonstrar o facto pelo aparecimento de vasos de barro que eram feitos sobre cestos de esparto, encontrando-se ainda em terras angolanas tigelas para o pirão e funge de bombó.

Outros autores há que apresentam também uma relação entre algumas técnicas da cestaria e da tecelagem, por exemplo, tecer.

Podemos afirmar que a cestaria é um dos elementos da nossa cultura popular embora existindo poucas pesquisas nesta área.

Como já sabes, a cestaria é um processo ou técnica que data de há muitos anos e que continua a ser aplicada até aos nossos dias. Portanto, ao falar deste processo, temos de ter em conta os vários factores utilizados na aplicação desta técnica, como, por exemplo, a definição da cestaria como processo ou técnica, o conhecimento das diferentes fases ou passos a seguir na elaboração dos objectos provenientes da cestaria e como se denominam estes objectos.



Antes de te explicar os factores intervenientes, queremos também que saibas que a actividade ou a prática da cestaria tradicional ou artesanal no nosso país ganhou um espaço vasto e de grande importância no fabrico de vários tipos de objectos utilitários, desde um simples chapéu até ao mobiliário.

Depois desta vasta abordagem e de alguns exemplos sobre a actividade ou prática da cestaria, estás em condições de definir o que



Chapéu de palha.



Pequeno banco em verga.

é a cestaria: é o processo idêntico à técnica de tecer, que consiste em fazer entrelaçar um fio móvel por outro fio que serve de base ao trabalho. Quais são as fases ou etapas necessárias para a realização da actividade da cestaria? Qualquer actividade ou processo, na sua constituição, fabricação, elaboração ou construção, obedece a algumas normas ou passos a seguir e o processo da cestaria não foge à regra. Respondendo à pergunta formulada, os passos a cumprir são os seguintes:

- Primeiro ir à procura dos materiais porque o material utilizado para este processo é da natureza, podendo ser o junco, os ramos da palmeira, a cana do milho e a mateba, que é também um tipo de palmeira. O junco é um tipo de planta fina e flexível que cresce em terrenos húmidos, encontrando-se em algumas zonas de Angola e



sendo aí comercializada. O segundo passo consiste em fazer secar os materiais durante quatro a cinco dias. O terceiro passo consiste na raspagem do material para lhe dar forma de fio. Este fio será entrelaçado um no outro na construção de qualquer objecto. Como quarto passo, e com o fio obtido através da raspagem, começa a constituir-se a base para a construção do objecto.



Aspecto do junco no seu habitat natural.



Aspecto do junco depois de devidamente tratado, raspado e em forma de fio.



Fundo de um cesto onde se nota a forma de enrolamento dos fios.



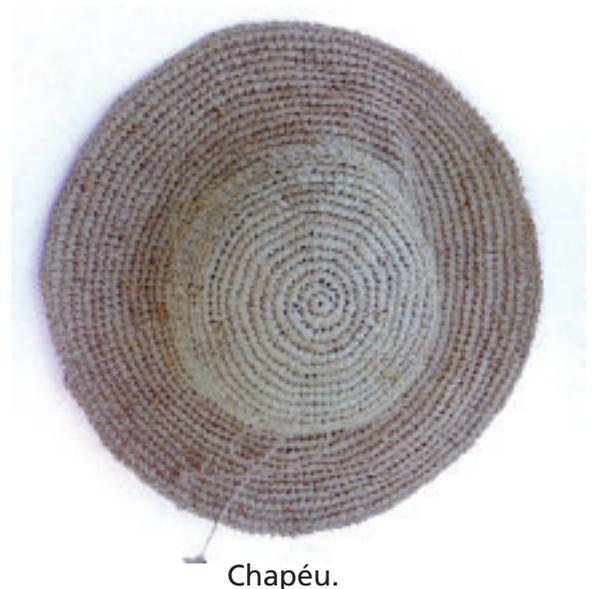
Aspecto do cesto  
depois de concluído.



O objectivo do processo ou actividade da cestaria não se limita à construção de cestos, mas abrange a de vários objectos utilitários, como por exemplo: os cestos, que podem ser de vários tamanhos e de diferentes tipos, balaios, chapéus, cadeiras, bancos, vasos que servem para decoração, etc. Neste processo, o mais importante é a técnica de entrelaçar um fio móvel com outros que servem de base de trabalho.



Vários tipos de cestos.



Chapéu.



Cadeira.



Agora vamos reflectir um pouco para saber quando e por que motivo já se disse que a cestaria é uma actividade datada de milhares de anos, ou seja, que surge no tempo dos nossos antepassados.

Surge pela necessidade que o homem sempre teve de transformar a natureza e de nela criar condições para a sua sobrevivência.

Então surge como actividade para satisfazer uma das várias necessidades do homem. No tempo dos nossos antepassados, esta actividade no seu todo era feita de forma tradicional, o que significa que o homem utilizava as suas próprias mãos para construir diferentes objectos. Naquela época não existiam fábricas, indústrias e mesmo técnicas modernas, portanto, o homem via-se forçado a utilizar as mãos para obter o objecto pretendido.

Actualmente, com o desenvolvimento da ciência e da técnica, usam--se objectos feitos em plástico na tentativa de substituir os objectos executados com a técnica de entrelaçar ou tecer.

Em muitos casos, apesar do desenvolvimento e aplicação das técnicas modernas, prefere-se o objecto tradicional porque cumpre melhor a sua função. No entanto, algumas das razões por que isto acontece devem-se ao facto de não se poder mecanizar o processo de trabalhar os materiais usados na cestaria.



Cesto em plástico.



Cesto realizado artesanalmente.



## 2.2.2 – O ESTUDO DOS MATERIAIS E TÉCNICAS DE CESTARIA

Antes de entrar no estudo dos materiais e técnicas de cestaria, primeiro deves recordar que a cestaria é um processo ou actividade praticados para construção ou elaboração de diversos objectos utilitários ou de funcionalidade social, que tu conheces.

No entanto, ao falar dos materiais utilizados na cestaria, podemos afirmar que existem muitos. Estes materiais são usados consoante as possibilidades de obtenção do tipo de material por parte daqueles que praticam a actividade. Por exemplo, no caso de Angola, a cestaria exercida é artesanal e os materiais são provenientes da natureza e outros reciclados.



Ilustração de alguns dos materiais utilizados na cestaria em Angola.

Como sabes, o jornal, depois de ser lido, é aproveitado para outras actividades, uma delas é a cestaria.

Depois de teres aprendido a trabalhar com materiais da natureza usados no processo ou actividade da cestaria artesanal praticado em Angola, agora tens a oportunidade de aprender com a ajuda do teu professor/a que o jornal também é um material que se pode usar na elaboração de diversos objectos dentro do processo da cestaria. Vamos ver os passos a seguir. É óbvio, como primeiro passo, a preparação do material em grande quantidade, neste caso o jornal. Segundo passo: pegar com a mão esquerda na folha do jornal, uma de



cada vez, e numa das pontas da mesma folha, com os dedos polegar e indicador da mão direita, ir enrolando o papel do jornal até formar o canudo; esta operação vai repetir-se porque são necessários muitos canudos.

Depois de teres o número suficiente de canudos, se por exemplo desejares elaborar um cesto, vais precisar primeiro de construir a base do cesto. Para tal vais utilizar 7 canudos, sendo que 4 ficam estendidos de forma horizontal e os 3 restantes atravessados por cima dos 4 canudos de forma vertical. Sobrepondo-se em cruz a partir deste passo, começa-se a construção do cesto.

Observação: esta operação deve ser feita com a ajuda do professor/a ou de uma pessoa com experiência neste tipo de trabalho.

Os canudos feitos com papel de jornal devidamente enrolados para o início do trabalho.



Professora explicando como entrançar os canudos.



Objecto depois de concluído.



Além do material da natureza que já conheces e do papel, existe também outro tipo de material, como a medula ou vime. A sua utilização no processo ou actividade da cestaria requer uma técnica um pouco mais avançada para a execução dos trabalhos. Este tipo de material pode ser adquirido no mercado, em braçadas da cor natural ou tingidas.



Vime na cor natural, depois de seco e preparado para ser trabalhado.

Como trabalhar com a medula ou vime? Para trabalhar com a medula ou vime, primeiro deve cortar-se o material. Para se cortar este material, o mesmo tem de estar bem seco, para permitir um corte perfeito. Depois de cortado, deve ser mergulhado num recipiente com água durante algum tempo, até se tornar maleável. Para facilitar a operação, formam-se com a ponta pequenos rolos, que se prendem com cordel.

O material só deve estar mergulhado na água o tempo necessário para se tornar maleável, pois, se estiver demasiado tempo, quando iniciares o teu trabalho, este pode abrir. Vime na cor natural, depois de seco e preparado para ser trabalhado.

Vamos ver quais são as formas fundamentais para a execução de cestos utilizando a medula ou vime como material de trabalho.

As formas fundamentais para a execução de cestos (apesar de com este material se poderem executar diversos objectos como chapéus, abanos, bases, balaios, etc.) são: redonda, oval e quadrada. Estas formas entrelaçam-se sobre um número de raios montantes que formarão a base para o entrelaçamento.



## ACTIVIDADE: EXECUÇÃO DE FUNDOS

Para iniciares o teu trabalho, terás de escolher qual a forma do fundo e que material vais utilizar, pois podes fazê-lo com o material que escolheste para o entrelaçamento.

Este fundo pode ser feito de duas maneiras: com números par ou ímpar de montantes.

### NÚMERO PAR

- a) – Cortar oito montantes, que se sobrepõem em cruz.
- b) – Inicia o entrelaçamento dando três voltas com uma ponta para segurar os montantes. No sentido inverso, dá as mesmas três voltas. Após esta operação, abre os montantes.
- c) – Como o número de montantes é par, introduz uma nova ponta e entrelaças com duas.

### NÚMERO ÍMPAR

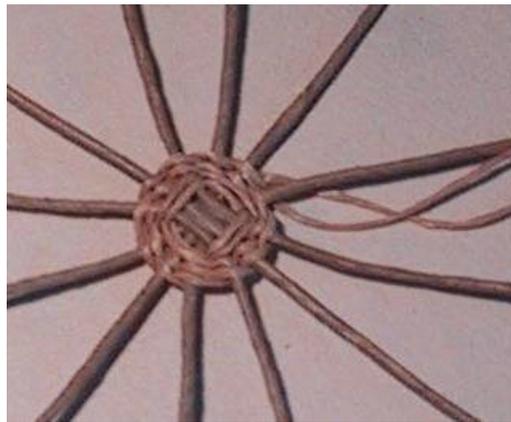
- a) – Deves cortar nove montantes mais um, que terá pouco mais de metade destes, o que perfaz nove pontas.
- b) – Para executares o entrelaçamento, utilizas só a ponta inicial, pois o número de montantes é ímpar. Inicias o entrelaçamento dando três voltas com uma ponta.



### FUNDO OVAL (NÚMERO PAR DE MONTANTES)

É um fundo um pouco complicado, mas, com a ajuda do professor/a ou de uma pessoa com experiência neste tipo de trabalho, poderás montá-lo com maior facilidade.

- a) – Para iniciares o trabalho, precisarás de dez montantes agrupados. Observa a imagem.



Modo de construir um fundo para um pequeno cesto.

- b) – Inicias o entrelaçamento com duas pontas.

Poderás iniciá-lo de outra forma, que talvez seja mais fácil.

Nos montantes que vão ficar na vertical, damo-lhes um golpe de modo que se consigam introduzir os horizontais.

Desta forma será mais fácil começarmos o entrelaçamento.

### FUNDO QUADRADO

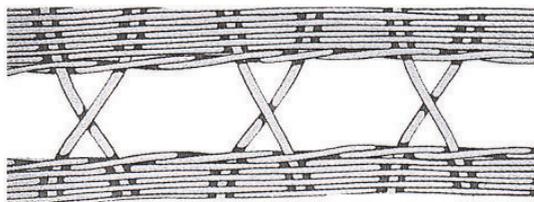
- a) – Deves cortar doze montantes e entrelaçá-los.

- b) – Inicias o entrelaçamento com duas pontas, formando o quadrado.



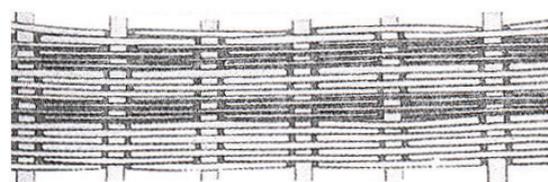
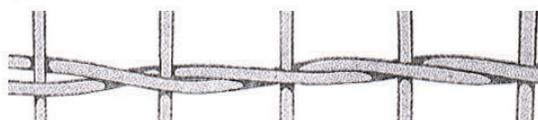
## TIPOS DE ENTRELAÇAMENTO

Entrelaçamento com uma ponta.



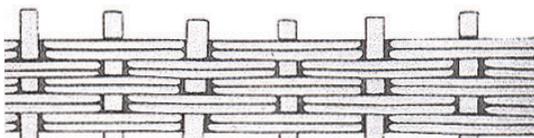
Entrelaçamento com duas pontas.

Entrelaçamento simples com bandas de cor.



Entrelaçar com duas pontas em simultâneo.

Cruzando os montantes e abrindo espaço.



## ENTRELAÇAMENTO COM TIRETA

É um material utilizado para a execução de cestos, mas também pode revestir objectos de vidro como garrafas, garrafões, etc. A técnica é a mesma atrás descrita, é só uma questão de opção.

Depois da execução do cesto, necessariamente devem colocar-se as asas.

- 1 – Cortam-se as pontas com a medida desejada e enfiam-se no cesto, junto aos outros montantes. Se for necessário, podes utilizar o furador.
- 2 – Entrelaça as pontas para que a asa fique mais firme.
- 3 – No lado oposto àquele onde enfiás as primeiras pontas da asa, procede da mesma forma.

## Cesto com fundo de madeira

A cestaria com fundo de madeira tem um aspecto de menor efeito estético, mas, além de representar um trabalho mais simples e rápido, permite ao aluno aprender a dominar outros materiais e utilizar outras ferramentas.

O elemento essencial deste género de cestaria é o fundo, que pode ser executado em madeira fina, aglomerados, prensados e contraplacados, cuja espessura permite fazer furos sem partir.

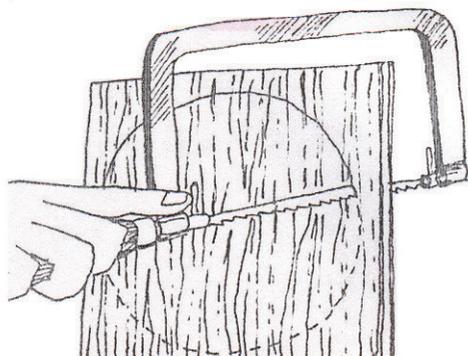


Objectos com fundo em madeira.

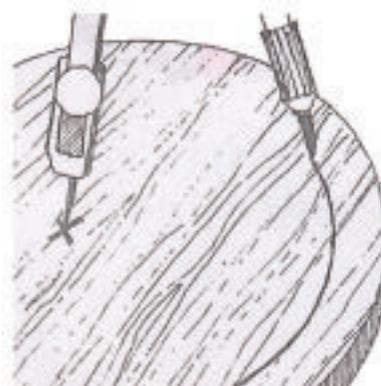


Observa os passos necessários para construção de um cesto com fundo em madeira.

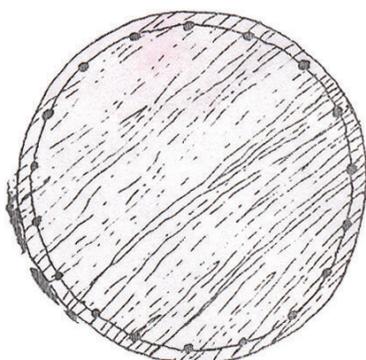
1 – Corta-se o fundo em madeira na medida e forma desejadas.



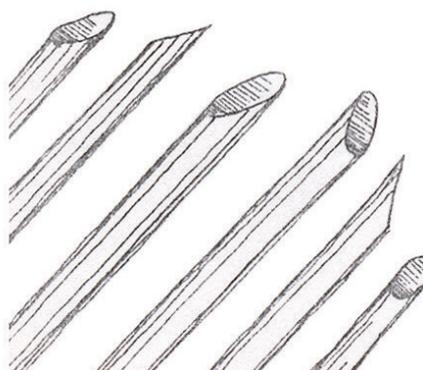
2 – Traça-se uma linha paralela ao bordo exterior do fundo e a uma distância de 0,5 cm.



3 – Sobre essa linha fazem-se furos de 2 em 2 cm. Número de furos par para 2 fitas na tecedura, ímpar para uma só fita.



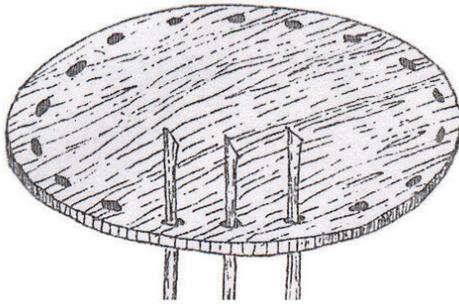
4 – Cortam-se os montantes em bisel com a altura desejada, mais uns 15 a 20 cm.



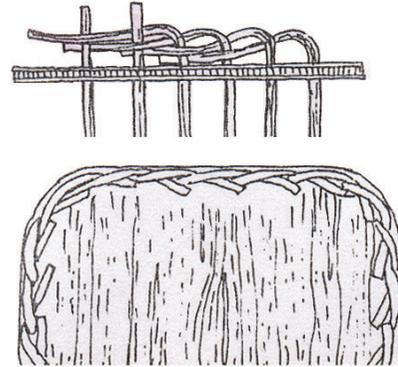
5 – Põe-se a medula de molho.



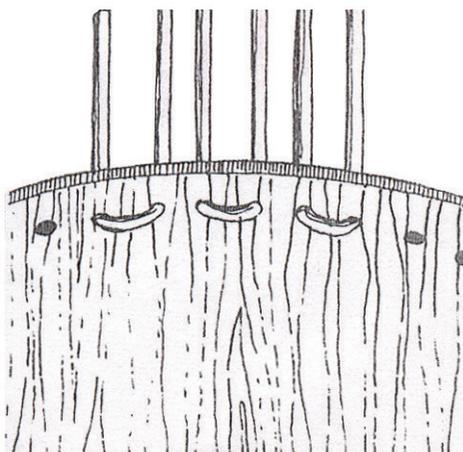
6 – Introduz-se cada uma das extremidades dos montantes em cada um dos furos do fundo.



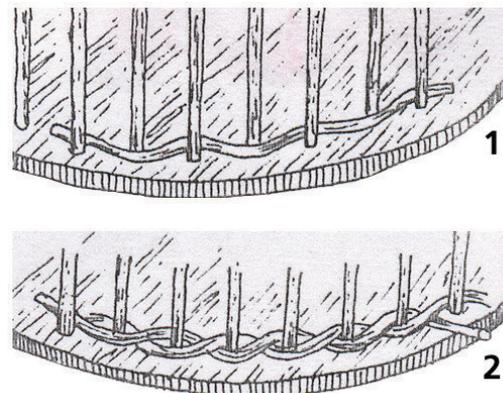
7 – Dobra-se cada uma das pontas de modo a formarem uma gola pela qual passará a ponta vizinha.



8 – É mais simples o emprego de tiras de medula dobradas em arco.



9 – A tecedura do corpo do cesto faz-se pelo mesmo processo dos cestos com fundo trabalhado.



### 2.2.3 – O ESTUDO DA CESTARIA E DOS SEUS VALORES ESTÉTICOS E FUNCIONAIS

Quanto a este aspecto, podemos afirmar que o trabalho da cestaria, desde tempos muito antigos, teve sempre importância e valor estético-funcional por diversas razões. O estudo deste trabalho vai permitir-te conhecer melhor a história da existência da cestaria, a variedade de objectos elaborados, tanto de forma artesanal como industrial, e também te vai permitir conhecer o valor estético-funcional dos artigos ou objectos resultantes deste trabalho. Conforme tens observado, há muitos objectos à venda nos mercados e nas ruas das nossas cidades. O seu valor estético, como o de qualquer objecto ou obra, define-se pela boa presença e beleza que o autor confere aos objectos por ele elaborados. É artesanal e os materiais são provenientes da natureza e outros reciclados, como o jornal.



Objectos com fundo em madeira.

#### VALOR FUNCIONAL DE UM OBJECTO OU DE UMA OBRA ARTESANAL

Toda a obra ou objecto elaborado tem uma certa função, sobretudo quando estes objectos têm um valor utilitário, ou seja, quando são utilizados socialmente. Neste caso específico da cestaria, pode afirmar-se a grande utilidade que se dá aos objectos elaborados através deste processo ou actividade. Vejamos alguns



exemplos: os cestos feitos artesanalmente servem para o transporte de vários produtos, para guardar roupa, utensílios de cozinha, servem como base para suportar os pratos, tigelas e copos na mesa, servem de mobiliário, etc.



Cesta apropriada para fruta ou legumes.

#### **2.2.4 – REALIZAÇÃO DE OBRAS DE CESTARIA A PARTIR DAS NECESSIDADES DO MEIO SOCIAL**

É do conhecimento de todos que desde sempre o homem teve a necessidade tanto de comunicar com os seus semelhantes como de realizar actividades de várias naturezas, que ajudam ao desenvolvimento ou subsistência. Neste caso, a realização da obra de cestaria não foge à regra, porque esta actividade está enquadrada entre as necessidades do meio social, espaço onde está inserido o próprio homem, que é beneficiário de toda a transformação que pode ocorrer no meio circundante. Especificamente falando da obra de cestaria, que é realizada a partir de necessidades do meio social, primeiro vamos procurar definir o meio social, que é o espaço com uma certa organização onde habitam os seres humanos (homens e mulheres). Também é do teu conhecimento que o processo ou



actividade da cestaria data de há milhares de anos e surge para satisfazer algumas necessidades do homem.

Quais são estas necessidades?

A título de exemplo, apresentamos-te uma das necessidades, que é a económica, que se traduz na venda do produto proveniente desta actividade para obtenção de alguns valores em dinheiro, o que ajuda à satisfação de outras necessidades.

### APRECIÇÃO E CRÍTICA DAS OBRAS PELOS PRÓPRIOS ALUNOS

Apreciar e criticar a obra é de grande importância, porque nos ajuda a formar o juízo de valor.

Portanto, depois de acabarmos de criar as nossas obras, vamos passar a explicá-las, ou seja, dizer aos colegas e ao/a professor/a o que decidimos criar e o que o objecto significa para nós.

Os trabalhos que fazes, como por exemplo o desenho, a pintura, a composição, a modelagem, a cestaria, a cerâmica e não só, mesmo que os consideres já terminados, podem sempre ser analisados pelos outros (colegas) e pelo professor/a, para que estes possam opinar, dizer os seus pontos de vista sobre eles. Ao explicares aos



Vários objectos artesanais.



colegas o significado do que fizeste, não deves sentir-te mal, caso alguém tenha um ponto de vista diferente do teu, pois cada um faz o seu trabalho e pensa uma coisa diferente do outro.

Nas artes plásticas, a apreciação deve respeitar a interpretação de cada pessoa que observa, ou seja, devemos sempre saber que existem vários pontos de vista e que estes são válidos. Nessa apreciação, essa crítica que fazes do teu próprio trabalho, ou o que os outros emitem sobre o teu trabalho, estás a avaliar-te e os outros estão a avaliar-te também.

Quanto estás a fazer seja o que for, tens a necessidade de avaliar o teu trabalho, para saberes realmente o que conseguiste ou até onde podes chegar, como consegui-lo e o que falta fazer.

É importante saberes que estás sempre a fazer apreciações ou avaliar constantemente, porque emites opiniões sobre os trabalhos dos outros e muitas vezes não te dás conta disso.



Objecto tecido que merece ser apreciado pela sua originalidade.

É ou não verdade que gostas de comentar um jogo de futebol, quem jogou bem ou então quem estragou o jogo? Sem querer, avaliaste o trabalho do outro. Por isso é muito bom, antes de os outros avaliarem o nosso trabalho, sermos nós a avaliá-lo primeiro. Não tenhas vergonha do que venham a dizer sobre o teu trabalho. Aproveita sempre o que disseram de bom para o melhorares.



## ACTIVIDADES A REALIZAR

- Diz em que difere o vime do junco.
- Quais as condições necessárias para trabalhar com o junco?
- A medula, o vime e o junco são os principais materiais utilizados nos trabalhos de cestaria. Qual é o mais usado em Angola?
- Existe alguma diferença entre os termos entrelaçar e tecer? Justifica a tua resposta.
- O que significa a expressão tecer o cesto?
- O que é a cestaria?



# TEMA 3

## A VERTENTE UTILITÁRIA DA OBRA ARTÍSTICA

### 3.1 – A RECICLAGEM NUMA PERSPECTIVA ESTÉTICO-FUNCIONAL

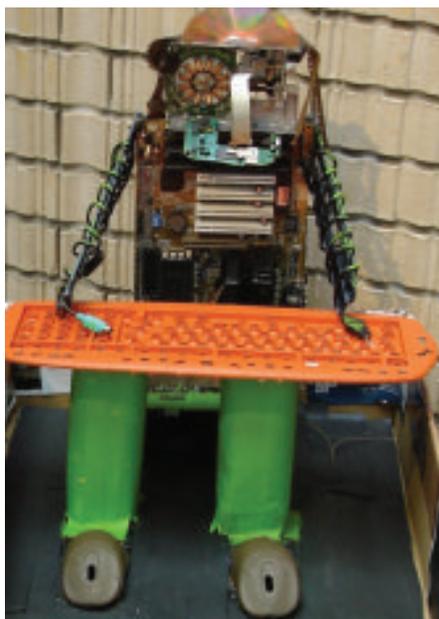
Nas classes anteriores, estudaste a técnica da reciclagem, que consiste em reaproveitar desperdícios, isto é, reconverter lixo em matéria que pode ser utilizada de novo. Deitamos muitas coisas fora por pensarmos que já não servem para nada.

No entanto, muito desse lixo pode ser reconvertido e voltar a ser útil, mesmo que seja para outro fim. Podemos, portanto, reaproveitar alguns desses desperdícios para criar coisas novas. Esta técnica (reciclagem), além de ser muito interessante dentro das artes plásticas, é de grande utilidade para a conservação e higiene do ambiente, ou



Materiais de desperdício que podem ser aproveitados para outros fins.





«Robot» feito com material de desperdício.

seja, da natureza e do meio onde vivemos, já que nos permite melhorar a sua conservação.

Se reciclar significa voltar a utilizar aquele objecto que já foi considerado lixo, quais seriam estes objectos? Por exemplo, compras uma gasosa em lata. Depois de consumires o líquido, vais deitar fora a lata. O papá comprou uma garrafa de água mineral, a mamã, ao fazer compras para a casa, comprou alguns produtos cujas embalagens, em plásticos, latas, cartões, etc., uma vez consumidos os produtos, não devem ser deitadas fora, porque servirão para outros fins (decorativos, construção de fantoches, de brinquedos, etc.).

### **Análise do papel da reciclagem na sustentabilidade social**

A reciclagem na sustentabilidade social desempenha um papel importantíssimo. Quanto mais reciclarmos o lixo, mais saudável tornamos o meio ambiente, o meio que nos rodeia ou o lugar onde vivemos. Se o meio ambiente for favorável, então as pessoas que lá habitam também serão saudáveis. Por esta razão, deve classificar-se o lixo antes de ser reciclado.

Como se deve fazer esta classificação? É muito simples. O lixo deve ser depositado da seguinte forma: separar, por exemplo, tudo o que é plástico no mesmo sítio, as latas noutra, o papel, o metal, o ferro, o vidro, etc., também cada um no seu sítio e o resto do lixo, que não faz parte dos resíduos sólidos, posto de lado. Então, a partir daí já se pode falar em reciclar aquilo que foi considerando lixo. A proliferação ou a existência de resíduos sólidos espalhados por tudo o que é canto afecta o ambiente, dá mau aspecto e retira a própria estética do meio circundante. Ao afectar o ambiente, também está a afectar o bem-estar do homem e da sociedade. Daí o grande papel da reciclagem.



Assim, tudo o que é lixo ou desperdício deve ser reconvertido em material para utilizar de novo, criando-se assim objectos utilitários que servem a sociedade.



Vários objectos feitos com materiais recicláveis.

### 3.2 – ESTUDO DE OBJECTOS E ARTEFACTOS UTILITÁRIOS NO ÂMBITO DOMÉSTICO

Analisámos o papel da reciclagem na sustentabilidade social, abordando a criação de objectos feitos com material recuperado ou reciclado (desperdício). Então, é muito importante que se realize o estudo minucioso dos objectos e produtos manufacturados ou feitos com instrumentos rudimentares que são fruto da reciclagem ou de reaproveitamento de desperdícios (lixo). O que significa isto? Significa que vais estudar qualquer objecto que desempenhe uma função diferente da original e que tenha sido construído com material recuperado através do processo que conheces por «reciclagem». Por que vais realizar este estudo?



Para determinar as características do material, o tipo do material, a durabilidade do material e a sua origem. Neste caso, a análise das características dos materiais será feita com a ajuda do/a professor/a, tendo em conta o tipo de material que se vai utilizar no momento de construir o objecto desejado. Pretende-se mesmo que estes objectos que serão construídos ou montados por ti tenham uma utilidade social, por outras palavras, que sejam utilizados no âmbito doméstico, servindo principalmente de adorno ou de decoração de recintos como casas, cozinhas, casas-de-banho, salas ou salões de festas, etc.



Objectos que desempenham um papel decorativo.

### REALIZAÇÃO DE OBRAS FUNCIONAIS NUMA PERSPECTIVA ESTÉTICA

Depois do estudo dos objectos e artefactos e de teres visto algumas características e propriedades do material utilizado na construção ou montagem de objectos, estás em condições, a partir dos conhecimentos adquiridos, de realizar obras muito simples com uma utilidade doméstica, mas exprimindo sempre o sentido estético. Por outras palavras, estes objectos, apesar de serem recuperados, devem



ter uma harmonia aceitável, que chama a atenção de quem aprecia a obra. Neste capítulo, pretende-se que realizes obras utilizando diferentes materiais reciclados, que podem ser: papel, cartolina, cartão, madeira, metal, plástico, ferro, etc. Com estes materiais, vais construindo ou montando vários objectos ou obras desejados.



Exemplo de alguns objectos funcionais, feitos de material reciclável (papel), numa perspectiva estética.

### APRECIÇÃO E CRÍTICA DAS OBRAS PELOS PRÓPRIOS ALUNOS

Lembras-te de ter apreciado e criticado algumas obras criadas por ti e pelos teus colegas nas classes anteriores? Nunca é demais continuar a aprofundar os conhecimentos adquiridos.

Como é óbvio, todo e qualquer trabalho está sujeito a uma apreciação ou mesmo crítica e avaliação, que permite fazer um juízo de valor.

Neste contexto, as obras criadas por ti e pelos teus colegas não fogem à regra. Portanto, da execução da obra, ela deve ser exposta para avaliação. Mas é sempre bom que sejamos nós, como autor ou dono da obra, os primeiros a fazer a avaliação que nos ajude a determinar as características do objecto apresentado.



Depois, devemos esperar que as outras pessoas, colegas de turma, de escola ou mesmo de profissão, observem e emitam as suas opiniões sobre a obra em análise.

### ACTIVIDADES A REALIZAR

- A reciclagem é uma técnica como tantas outras que o homem aplica para satisfazer algumas das suas necessidades.
  - a) Em que consiste a técnica de reciclagem?
  - b) Qual a importância desta técnica na sustentabilidade social?
- Escreve alguns exemplos de objectos ou artigos construídos com materiais reciclados que conheças.
- Para que servem os objectos ou artigos construídos com materiais reciclados?



# BIBLIOGRAFIA

BRITO, CARLOS – *Trabalhos Manuais*, 6.º ano. Texto Editora.

FALEIRO, Armando – *Gesto Tecelagem*, Educação Visual Tecnológica, 5.º e 6.º ano.

JACINTO, Maria José; SILVA, Armindo Santos – *Educação Visual*, 7.º ano.

MARQUES, Luísa; MARAVILHAS, João; AIRES, Ademar – *Aprender para Fazer*, 5.º Ano, Educação e Tecnologia. Porto Editora.

MARQUES, Luísa; MARAVILHAS, João; AIRES, Ademar – *Aprender para Fazer*, 6.º ano. Porto Editora.

MARQUES, Luísa; MARAVILHAS, João – *Têxteis, Tecelagem, Tapeçaria e Confecções*, 7.º e 8.º Ano. Porto Editora.

RAMOS, Elsa; SOARES, Verónica – *Educação Visual*, 6.º ano.

SELIGMAN, Patrícia – *Segredos do Desenho e da Pintura a Óleo*.

SMITH, RAY – *Introdução à Pintura a Óleo*.

VAZ, Maria José; GOMES, Carlos – *Educação Visual e Tecnológica* 5.º ano.

